

SET-OUT 2016

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 13,80.



O ministério de todos os crentes

"Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, fim para manifestar as virtudes que foram chamadas das trevas para a maravilhosa luz (1 Pedro 2:9)

A segunda Reforma



William de Moraes

Cada membro, um ministro

Em junho de 2016, várias congregações luteranas ao redor do mundo começaram a contagem regressiva dos 500 dias que antecedem o aniversário de 500 anos da Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero. Um marco na história do cristianismo, a fixação de suas 95 teses na porta da Catedral de Wittenberg deflagrou um grande movimento de retorno à Bíblia, com implicações que nos alcançam ainda hoje.

De modo geral, Lutero tem sido lembrado especialmente por sua ênfase na justificação. “Senti-me como renascido, e entrei pelos portões abertos do próprio paraíso”, disse ele, quando entendeu o significado da sentença “o justo viverá pela fé” (Rm 1:17). A partir de suas descobertas, cristãos se aprofundaram na compreensão da doutrina da salvação e puderam apreciar a beleza de um Céu preparado para aqueles que se apropriam, pela fé, dos méritos do sacrifício de Jesus.

Entretanto, tão importante quanto sua ênfase na justificação, foi o fato de Lutero ter iniciado também uma significativa discussão acerca do sacerdócio de todos os crentes, ponto esse que, ao longo dos anos, não recebeu a mesma atenção que o tema da salvação pela graça mediante a fé.

Essa constatação é compartilhada por diversos autores cristãos. Por exemplo, Greg Ogden sugere que uma “nova reforma” deve restaurar a prática do sacerdócio de todos os crentes em nossos dias. René Padilla afirma que faz falta “uma nova reforma”, que “reconheça em termos práticos a importância do sacerdócio de todos os crentes para a vida e missão da igreja”. Russell Burrill, entrevistado desta edição, enfatiza que a restauração do ministério de todos os crentes é uma importante mudança que deve ocorrer na igreja, e declara: “É tempo para um novo começo”.

Embora pensadores contemporâneos defendam a ideia de uma nova reforma que realce o sacerdócio de todos os crentes, tal conceito foi apresentado há mais de um século por Ellen G. White, cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ainda que, geralmente, passe despercebido, o contexto de uma de suas principais citações a respeito de reavivamento e reforma aponta para essa direção.



Disciplinar pessoas de acordo com seus dons e ajudá-las a encontrar seu papel no corpo de Cristo é um imperativo que deve ser obedecido em nossos dias.”

Ela escreveu: “Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. [...] Reavivamento significa renovação da vida espiritual [...]. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas. [...] Reavivamento e reforma devem efetuar a obra que lhes é designada e, no realizá-la, precisam fundir-se” (*Review and Herald*, 25/2/1902). Diante das afirmações da autora, cabe perguntar: que tipo de reforma estava em sua mente quando escreveu essas palavras?

Ellen G. White notou dois grandes problemas em seus dias: (1) os membros estavam acomodados, satisfeitos apenas em ouvir sermões e; (2) os pastores não estavam colocando os membros para desenvolver seus respectivos dons. Essa condição promovia um ambiente de fraqueza espiritual, que deveria ser reavivado e reformado por meio de uma atitude drástica dos ministros. Eles deveriam sair para “novos campos”, a fim de que os membros fossem levados “a assumir responsabilidades” na igreja local, de maneira que pudessem crescer em suas habilidades e ministérios.

Em outras palavras, a autora acreditava que os pastores tinham uma parte importante a desempenhar no reavivamento que levaria a igreja a uma reforma eclesiológica profunda, que restauraria a visão do sacerdócio de todos os crentes entre os adventistas do sétimo dia.

A implicação do conceito bíblico e das ideias defendidas por Ellen G. White e outros teólogos é óbvia: a menos que nós, pastores e líderes, entendamos nosso papel em “preparar os santos para a obra do ministério” (Ef 4:12, NVI), estaremos aquém do chamado divino. Disciplinar pessoas de acordo com seus dons e ajudá-las a encontrar seu lugar no corpo de Cristo é um imperativo que deve ser obedecido em nossos dias.

É bem verdade que esse processo não é simples nem rápido. Ele passa pela transformação do paradigma ministerial que adotamos. Entretanto, se nosso desejo é contribuir efetivamente com a obra de preparação de um povo para se encontrar com Jesus Cristo, precisamos pagar o preço. Precisamos desejar que esse reavivamento e reforma comecem por nós. **M**

Wellington Barbosa
Editor

10 Teologia dos dons

Marcos De Benedicto

Uma exposição sobre o ensino do Novo Testamento acerca dos dons espirituais

14 Além da teoria

Adolfo Suárez

Veja como praticar o discipulado em seu ministério

17 Talentos em ação

Orlando Jerônimo de Oliveira

Saiba como implementar o ministério de acordo com dons em uma estrutura departamentalizada

20 No coração da Amazônia

Wilson Borba

A chegada dos primeiros missionários adventistas ao Norte do Brasil

23 Paulo e a lei

Leandro Velardo

Confira uma proposta exegética para explicar Romanos 6:14

25 Efeito Hollywood

Fernando Beier

Aprenda a avaliar os impactos da cultura fílmica sobre a cosmovisão cristã

28 Uma luz menor

Sergio Becerra

Entenda o papel de Ellen G. White no desenvolvimento das doutrinas adventistas

2 Editorial

4 Palavra do leitor

5 Panorama

6 Entrelinhas

7 Entrevista

32 Além das fronteiras

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 88 – Número 527 – Set/Out 2016
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor

Wellington Barbosa

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Milenna Vieira

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Capa

William de Moraes

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Lucas Alves; Jerry Page.

Colaboradores

Alberto Peña; Arildo Souza; Cícero Gama; Cláudio Leal; Cristhian Alvarez; Edilson Valiante; Edmundo Ferrufino; Fabian Marcos; Geraldo M. Tostes; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Jair G. Góis; Mitchel Urbano; Montano de Barros; Rodrigo Cárcamo; Rubén Montero.

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Uilson Garcia

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 67,00
Exemplar Avulso: R\$ 13,80



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita
do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5960 / 34837

Capa

A revista *Ministério* tem sido uma fonte de inspiração a cada bimestre. Parabens toda a equipe editorial pela escolha dos temas pertinentes e contextualizados com o momento e as necessidades dos pastores. Nessa edição, cuja ênfase foi a família pastoral, destaco o artigo "Uma vida incomum", escrito pelo Dr. Natanael Moraes, a respeito dos desafios na vida da esposa do pastor. Todo ministério pastoral bem-sucedido, além da dependência de Deus, tem como alicerce o apoio e companheirismo da esposa. A esposa é o porto seguro do pastor. Embora a expectativa seja gigantesca, não podemos nos esquecer jamais de que a principal missão da esposa do pastor é ser esposa. Somente o Céu revelará e recompensará o trabalho delas.

Amarildo F. dos Santos
Curitiba, PR



O tema da última edição da *Ministério* nos ajuda a refletir sobre o que temos visto e até mesmo vivido em família. Em meio a tantas atividades e responsabilidades, às crises que famílias de nossas igrejas enfrentam, à dedicação na busca de reconciliar e salvar lares feridos e destruídos, corremos o risco de deixar nossa casa em segundo plano, à mercê das circunstâncias e dos ataques do inimigo. Devemos nos lembrar de que, como pastores, líderes e cristãos, nossa primeira igreja é o lar, nossa esposa e nossos filhos. Precisamos "blindar" nossa família.

Cleydson Ohnesorge
São Luís, MA

Família de carne e osso

Muito propícia a entrevista com o Dr. Carlos Grzybowski. É importante que a igreja entenda que nossa família é semelhante a qualquer outra. Quero apenas destacar algo dito pelo entrevistado: "os pastores são seres humanos como quaisquer outros, com necessidades e desejos, virtudes e defeitos, que diferem dos demais cristãos somente por causa do dom de liderança que lhes foi dado por Deus e do chamado para uma missão de tempo integral".

Edson Vander
Cerejeiras, RO

Excelente a escolha do tema principal dessa edição. Particularmente, gostaria

de destacar a entrevista com o Dr. Carlos Grzybowski, pois tanto as perguntas quanto as respostas alcançaram o ponto exato. Uma família de carne e osso é o que todos nós temos, sendo esse, o ponto de partida para que o pastor busque o aperfeiçoamento de seu lar. Inclusive, o processo de mentoreamento contínuo citado pelo entrevistado seria algo muito útil às famílias pastorais. Parabéns por proporem o debate.

Everton Augusto G. Pinto
Cachoeira, BA

Sob controle

Como um piloto de avião de caça em época de guerra. Essa parece ser a condição de muitos pastores e líderes no dias atuais. *Deadline*, termo muito usado atualmente nas redações para indicar o limite para o fechamento de matérias jornalísticas, é uma expressão oriunda do campo militar. Na vida pastoral, vivemos o *deadline* de um piloto de caça e, a cada missão, ficamos felizes por poder voltar à pista de pouso, nosso lar. Saber identificar as menores "fissuras" ou pontos possíveis de estresse em nós e naqueles que nos cercam é uma arte que poucos dominam. Os opostos estão sempre nos rodeando. Sepultamentos e casamentos no mesmo dia. No meio da madrugada, o telefone toca, e aí, você já sabe... Se o

avião sair do controle, dificilmente retornará à base sem avarias. É preciso tomar cuidado.

João Batista da Silva
Sorocaba, SP

É proibido

Apreciei muito a seção Dia a Dia da última edição. As orientações são muito apropriadas para nós, pastores. Em minha pouca experiência ministerial, passei por situações mencionadas no artigo. Muitas vezes, querendo agradecer nossas ovelhas, nós nos empenhamos em atividades que não são atribuições do nosso chamado. Houve ocasiões em que fui pedreiro, marceneiro, pintor, motorista particular, mestre de obras, sonoplasta, diácono, etc... Nós não fomos chamados para carregar todo o peso da igreja em nossas costas, mas para exercer nossa liderança, aliados ao poder divino, treinando, capacitando, motivando e delegando responsabilidades a nossos liderados. O pastor é o líder espiritual, o mentor, o capacitador de sua igreja e seu distrito. Quando aprendi isso, meu ministério passou a ser mais produtivo e feliz.

Bruno Avelar
Colorado do Oeste, RO

Missionários digitais (3º bim)

Quero parabenizar a *Ministério* pelas matérias publicadas na edição do 3º bimestre, em especial, pelo artigo do Dr. Miroslav Pujic. Eu estava pensando em como envolver os jovens de meu distrito no trabalho missionário de uma maneira que eles o fizessem com dedicação. Ao ler a matéria fiquei encantado! É justamente isso de que precisamos.

Reginaldo Feitosa
Tarauacá, AC

Expresse sua opinião. Escreva para ministerio@cpb.com.br ou envie sua carta para Ministério, Caixa Postal 34, CEP 18270-970, Tatuí, SP.

As cartas publicadas não representam necessariamente o pensamento da revista e podem ser editadas por questão de clareza ou espaço.

Missão virtual na América do Sul

Apresentar o evangelho a pessoas que estão inseridas no ambiente virtual também é um dos propósitos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Com um número cada vez maior de usuários, as redes sociais se tornaram um campo missionário fértil, e a denominação tem trabalhado por meio de seus mais

diversos canais para disponibilizar conteúdo de qualidade que fale acerca da esperança que há em Jesus. Uma amostra das Uniões, Associações e instituições sul-americanas com maior número de seguidores aponta a extensão da influência adventista no universo digital.

facebook

seguidores

Uniões	Associações	Instituições	Hospitais
União Argentina 250.879	Associação Paulistana 23.398	Novo Tempo 7.644.798	Hospital Adventista Silvestre 15.901
União Central Brasileira 189.073	Associação Paulista Central 14.246	Nuevo Tiempo 838.216	Sanatório Adventista del Plata 7.257
União Centro-Oeste Brasileira 96.720	Associação Paulista do Vale 11.278	Educação Adventista 378.490	Clínica Good Hope Miraflores 6.890

twitter

seguidores

Uniões	Associações	Instituições	Hospitais
União Argentina 18.400	Associação Paulista Leste 6.441	Novo Tempo 651.246	Sanatório Adventista del Plata 1.575
União Central Brasileira 15.900	Missão Centro-Oeste do Peru 4.151	CPB 37.100	Hospital Adventista de Belém 1.105
União Nordeste Brasileira 13.570	Associação Pacífico Norte do Peru 3.700	Nuevo Tiempo 28.994	Hospital Adventista Silvestre 807

You Tube

visualizações

Uniões	Associações	Instituições	Hospitais
União Sul-Brasileira 560.952	Associação Peruana Central 869.595	Novo Tempo 50.340.090	Hospital Adventista Silvestre 10.810
União Paraguaia 468.054	Associação Norte-Catarinense 822.747	Nuevo Tiempo 6.580.821	Clínica Americana de Juliaca 341
União Peruana do Sul 441.311	Associação Argentina Central 351.465	Superbom 323.013	

Fonte: Departamento de Comunicação da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.



Gentileza DSA

Alegria acima das circunstâncias

A carta de Paulo aos filipenses é marcada por afeição, alegria e gratidão. O estilo da mensagem dirigida aos conversos da cidade de Filipos chega a ser surpreendente. O apóstolo parece ser uma pessoa livre, cercada de conforto e comodidade, com todas as necessidades supridas e sem nenhum problema capaz de tirar-lhe o sono. Entretanto, não foi bem assim. Paulo escreveu essa carta enquanto estava preso em Roma, entre os anos 61 ou 62 d.C.

Os temas dessa breve epístola são a volta de Jesus, mencionada cinco vezes (1:6, 10; 2:16; 3:20 e 4:5); humildade, com o maravilhoso “cântico sobre Cristo” (2:5-11); fé, que também ocorre cinco vezes (1:25, 29; 2:17 e 3:9 [duas vezes]); e por último, a alegria cristã.

De todos eles, o tema da alegria é predominante. William Barclay (*Comentário de Filipenses*, p. 23, 24) apresenta dez motivos expressos por Paulo para essa alegria: a alegria pelo privilégio de orar (1:18); a alegria pelo sacrifício realizado por Cristo na cruz (1:18); a alegria da fé (1:25); a alegria da unidade cristã (2:2); a alegria de sofrer por Cristo (2:17); a alegria do encontro com a pessoa amada (2:28); a alegria da hospitalidade cristã (2:29); a alegria de estar em Cristo (3:1); a alegria de levar pessoas a Cristo (4:1); e a alegria da dádiva recebida (4:10).

Como o apóstolo conseguia ser feliz em condições tão desumanas e adversas? Ele mesmo responde: “aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias tenho experiências, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez” (4:11, 12). Três pontos se destacam na experiência de Paulo.

Formação educacional e capacidade. Paulo estudou “aos pés” do renomado Gamaliel (At 22:3), neto de Hillel, um dos maiores rabinos judeus da seita dos fariseus. Ele aprendeu obediência estrita à *Torah*, história e teologia judaica, além de filosofia grega (At 17:18, 28)

e cultura romana (At 16:38). Sua mente era perspicaz; seu raciocínio, claro; suas habilidades intelectuais estavam acima da média. Ellen White afirmou que “seus talentos e preparo poderiam capacitá-lo a servir quase em qualquer atividade. Era capaz de arrazoar com clareza extraordinária e, por seu fulminante sarcasmo, podia colocar o adversário em posição nada invejável” (*Atos dos Apóstolos*, p. 124). Entretanto, Paulo precisava aprender algo mais.



Deus está mais preocupado com nosso crescimento do que com nosso conforto.”

“*Tanto sei estar humilhado*” (Fp 4:12a). Na vida ministerial passamos por momentos difíceis como mudanças, falta de reconhecimento, perdas, desprezo ou rejeição. A forte tendência é murmurar e perguntar a Deus, e a si mesmo, por que essas coisas acontecem. Lembre-se de que Deus está mais preocupado com nosso crescimento do que com nosso conforto. Se você se sente um sofredor, atente para essas palavras: “Nosso caráter está sendo formado para a eternidade. Nenhum caráter pode ser completo sem provação e sofrimento” (Carta 51, 11/9/1874).

“*Como também ser honrado*” (Fp 4:12b). Quando tudo vai bem e parece que não há perigo algum, quando líderes e membros reconhecem nossos talentos, habilidades e os resultados do nosso trabalho, é bom não nos esquecermos de que “a aflição e adversidade trazem decepção e dor; mas é a prosperidade que mais perigo oferece à vida espiritual” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 211).

Manter a serenidade quando passar por mudanças de função ou de lugar, continuar agradecido mesmo quando as coisas ao redor não vão bem, ou manter humildade e desconfiança de si mesmo quando vêm os elogios e aplausos é somente para aqueles que têm aprendido na escola de Cristo. Nossa alegria no ministério deve estar acima das circunstâncias da vida, e foi Jesus quem nos ensinou isso. **M**

Lucas Alves

Secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

Revolucione a igreja

Devemos mudar radicalmente e organizar nossas igrejas em torno da necessidade de todos estarem envolvidos no ministério.

Por Márcio Nastrini

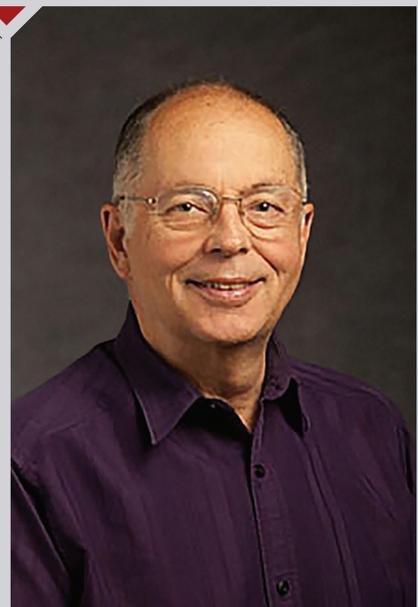
No contexto adventista, é muito difícil falar acerca do ministério de todos os crentes e do papel do pastor sem mencionar o nome de Russell Burrill. Autor dos livros *Como Reavivar a Igreja do Século 21* (CPB, 2005) e *Discípulos Modernos* (CPB, 2006), ele é conhecido por sua convicção a respeito da necessidade de se restaurar os paradigmas ministeriais do cristianismo apostólico e do adventismo pioneiro.

Burrill é bacharel em Teologia pelo Atlantic Union College, Massachusetts, fez seu mestrado na Andrews University, Michigan, e obteve o Doutorado em Ministério pelo Fuller Theological Seminary, Califórnia. Na década de 1960, começou seu ministério como pastor em Connecticut. Depois, trabalhou como evangelista em várias regiões dos Estados Unidos. Após retornar ao pastoreio de igrejas, nos Estados de Washington e Kansas, Burrill foi convidado para dirigir o Instituto de Evangelismo da Divisão Norte-Americana, cargo que ocupou por 22 anos até sua aposentadoria, em 2007.

Enquanto esteve à frente do Instituto de Evangelismo, Burrill também atuou como professor na área de Ministério Cristão, na Andrews University, e como secretário ministerial e diretor de Missão Global da Divisão Norte-Americana. Uma de suas grandes contribuições para o programa de plantio de igrejas foi o projeto Seeds que, até hoje, é realizado em várias partes do mundo. Recentemente, o Estado de São Paulo sediou dois encontros do projeto.

Ele é casado com Cynthia Hartman Burrill, que tem uma ligação especial com a América do Sul. Ela nasceu na Bolívia e cresceu no Peru. Seu avô, George Hartman, foi tesoureiro da então União Sul-Americana (atual Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista). O pai, John Hartman, nasceu na Argentina e cresceu no Brasil. Ele trabalhou como tesoureiro na Bolívia e no Peru e, em 1962, assumiu a mesma função na Divisão Sul-Americana. O casal Burrill tem dois filhos e seis netos.

Ao todo, Russell Burrill escreveu 13 livros, traduzidos para diversas línguas, que tratam de temas como evangelismo, crescimento e plantio de igreja e reavivamento. Como conferencista, esteve em mais de 40 países, compartilhando ideias que ajudam a igreja a expandir sua missão de alcançar pessoas.



Cortesia do entrevistado

O que motivou o senhor a escrever tanto sobre evangelismo e crescimento de igreja?

Eu compartilhava muitos conceitos e pesquisas em minhas aulas no seminário; entretanto, os estudantes deixariam a faculdade e tentariam implementá-los em um ambiente de igreja desfavorável, resistente a novas ideias. Os membros achavam que os novos pastores eram muito jovens, por isso, não desejavam ouvi-los. Meus alunos começaram a me pedir, então, para que eu publicasse minhas pesquisas a fim de que pudessem usá-las em suas futuras igrejas. Assim, preparei *Revolution in the Church* (2001). A resposta ao livro foi além das expectativas e me incentivou a continuar escrevendo.

Qual é a melhor maneira de ajudar as igrejas a serem mais vibrantes e envolvidas na pregação do evangelho?

Realizar treinamentos missionários não é suficiente. A maioria dos membros não participa. Creio que o melhor caminho é criar uma consciência de missão. Todos devem saber por que a igreja está aqui e entender sua missão claramente. Isso tornará possível a implementação de novas ideias. No entanto, a maioria dos pastores falha nesse processo por tratar o assunto como

se fosse outro programa qualquer. Quando a maioria dos membros entende que a missão é a razão pela qual a igreja existe, então a execução é possível. Contudo, sem isso, nada ocorre, não importa quantos seminários você faça.

De que maneira os ministros podem levar os membros a descobrir seus dons?

Desde que escrevi *Revolution in the Church*, mudei meu entendimento sobre o processo de descoberta dos dons. No passado, incentivávamos as igrejas a realizar seminários a respeito do assunto. Às vezes, isso demandava cerca de 10 semanas para ser concluído. Ao fim do treinamento, a congregação estava exausta e desgastada em virtude do processo, e pouca energia havia sido colocada efetivamente em levar pessoas ao ministério de acordo com seus dons.

Continuo acreditando piamente no potencial do uso dos dons espirituais, mas não creio que as pessoas devem entrar em determinado ministério por causa do dom que têm. Descobri que não se pode colocar os membros num ministério porque você acha que aquele ministério precisa daquele dom. A meu ver, todos os ministérios podem usar todos os dons.

O importante é descobrir por qual ministério as pessoas são apaixonadas. Elas escolhem um ministério com base em suas paixões e costumam servir onde se sentem mais confortáveis, de acordo com seu dom espiritual. Desse modo, elas estarão envolvidas em algo relacionado com sua inclinação, mas o lugar que ocuparão nas atividades estará baseado em seus dons.

Esse processo se concentra mais em envolvê-las no ministério do que em fazê-las descobrir os dons. Uma pessoa não leva 10 semanas para descobrir seu dom. Isso pode ser feito em uma ou duas horas. Assim, o tempo deve ser investido em ajudar as pessoas a se tornarem ativas em um

ministério que esteja em seu coração e em atividades que estão em harmonia com a forma com que foram equipadas. Eu escrevi sobre isso em livros como *Waking the Dead* (2004) e *How to Grow an Adventist Church* (2009).

Como os pequenos grupos se relacionam com um ministério orientado por dons?

O ambiente do pequeno grupo é ideal para a descoberta de dons e o consequente envolvimento no ministério. É impossível reacender a chama do sacerdócio de todos os crentes sem a experiência com pequenos grupos. Essa era a virtude do adven-

O importante é descobrir por qual ministério as pessoas são apaixonadas. Elas escolhem um ministério com base em suas paixões e costumam servir onde se sentem mais confortáveis, de acordo com seu dom espiritual.

tismo em seus primeiros anos. Os pioneiros fizeram dos encontros sociais (pequenos grupos) um dos elementos essenciais da Igreja Adventista. Esse fato, pouco familiar para muitos, talvez tenha sido a maior razão para o rápido crescimento numérico da denominação em seus primórdios.

Atualmente, temos uma infinidade de seminários que exploram a implementação de ministérios de acordo com os dons; todavia, obtemos pouco sucesso com isso. É mais eficaz inserir as pessoas em um pequeno grupo e, nesse ambiente, ajudá-las a descobrir por qual ministério são apaixonadas. Por fim, devemos auxiliá-las para que se encaixem onde estão melhor preparadas para servir.

Qual é o papel do pastor numa igreja estruturada em pequenos grupos, em que os ministérios têm como base os dons?

Biblicamente falando, treinar e equipar (aperfeiçoar) os membros são as principais descrições do trabalho do pastor e de outros líderes da igreja (Ef 4:11-12). De fato, o texto de Efésios é o único do Novo Testamento a tratar sobre a função pastoral e, curiosamente, afirma que o trabalho é “preparar” (NVI) os membros para o serviço. Assim, se um ministro não está fazendo isso, não está realizando biblicamente seu papel.

Ellen G. White expande esse conceito ao longo de seus escritos, chegando a sugerir que pastores que estão fazendo o trabalho em vez de treinar e equipar os membros devem ser demitidos (*Obreiros Evangélicos*, p. 102).

Em outro lugar, ela afirma que membros de igreja que precisam ser cuidados pelo pastor, em vez de ter sua própria vida espiritual, “precisam se converter, sendo novamente batizados. Necessitam nascer de novo” (*Evangelismo*, p. 381).

Essas são apenas duas das centenas de declarações da autora sobre o assunto. É necessário que os membros “discipulem” os novos conversos a fim de que não venham depender somente do pastor. Ellen G. White enunciou os seguintes princípios quanto ao tema: (1) não dependência do pastor; (2) crescimento espiritual da igreja; (3) crescimento numérico; e (4) discipulado completo.

Não há nenhum texto na Bíblia que mencione que devemos contratar alguém para cuidar dos membros. Esse não é o trabalho do pastor. O Novo Testamento é claro sobre como os fiéis devem ser pastoreados. Aproximadamente 75 versos afirmam que o cuidado dos membros é tarefa de todos os crentes. Se queremos ter uma igreja viva, então precisamos da participação da congregação no cuidado mútuo de seus membros.

Como transformar a realidade de uma “igreja de consumidores” que depende do pastor em uma igreja ativa?

Tudo começa com o desenvolvimento de uma forte compreensão da missão da igreja. Um estudo sobre o sacerdócio de todos os crentes indica que os sacerdotes do Antigo Testamento tinham duas funções básicas: (1) interceder em nome do povo diante de Deus, e (2) desempenhar funções religiosas que as pessoas não poderiam fazer (ministério no santuário).

Implementamos bem o primeiro ponto, de tal maneira que o povo não precisa procurar o pastor para interceder por ele. No entanto, ainda não obtivemos muito sucesso em aplicar o segundo. Em vez de treinar os membros para ministrar, mantemos o ministério como obra do pastor e restringimos as demais responsabilidades às poucas pessoas que são eleitas para cargos na igreja.

Isso significa que devemos mudar radicalmente e organizar nossas igrejas em torno da necessidade de todos estarem envolvidos no ministério. Não se trata de uma opção ou uma escolha, é um requisito para ser membro da igreja. Atualmente, algumas de nossas congregações têm implementado isso.

Mudanças não são fáceis, mas devem ser feitas se quisermos concluir a obra de Deus. Ellen G. White afirmou que “a obra de Deus na Terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja” (*Obreiros Evangélicos*, p. 352).

A partir dessa declaração, é possível notar que o principal fator que impede a conclusão da obra é a negligência em relação ao ministério de todos os crentes. Assim, embora seja um desafio, a restauração completa desse conceito deve ser realizada.

Outro problema que ronda as igrejas é a apostasia entre novos membros. O que fazer para evitar essa situação?

Quando uma pessoa se une à igreja, quer como recém-convertida ou por meio de transferência, a comunidade tem cerca de 3 a 6 meses para envolvê-la em um grupo, tarefa ou projeto. Se isso não ocorrer, essa pessoa tende a se afastar da igreja. Assim, qualquer congregação que leva a sério a conservação dos novos membros vai se estruturar para ter certeza de

Quando uma série evangelística é planejada, deve contemplar também estratégias para acompanhamento e conservação de seus conversos. Se tal plano não existe, a iniciativa não deveria ser autorizada, pois, provavelmente, trará danos irreversíveis aos novos convertidos.

que, como parte do processo de discipulado, os recém-convertidos e os recém-transferidos se envolvam em algum ministério. Infelizmente perdemos muitas pessoas quando elas se transferem. A igreja tende a achar que essas pessoas já são adventistas maduros; por isso, acabam lhes oferecendo pouca ou nenhuma ajuda. Desse modo, elas acabam saindo pela porta dos fundos.

Além disso, quando existe uma forte ênfase no número de batismos, temos a tendência de gastar mais tempo em procurar levar pessoas à decisão do que em

ajudá-las a se ajustarem na igreja. Tão importante quanto ganhar pessoas para Cristo é mantê-las no discipulado. De fato, batizar pessoas sem ter um plano de assimilação à igreja é uma prática espiritual deficiente. Quando uma série evangelística é planejada, deve contemplar também estratégias para acompanhamento e conservação de seus conversos. Se tal plano não existe, a iniciativa não deveria ser autorizada, pois, provavelmente, trará danos irreversíveis aos novos convertidos.

De acordo com sua experiência, qual é o principal desafio da igreja em relação a essa mudança necessária de paradigma?

Uma das coisas que tem sido difícil para eu aceitar é o fato de que mudanças levam tempo. No entanto, sinto-me encorajado pelos sinais de transformação que vejo em todo lugar. A dura realidade é que a igreja se tornou ineficaz em grande parte do mundo desenvolvido. Normalmente culpamos o secularismo crescente. Todavia, não estou convencido de que esse seja o único problema.

Por exemplo, quando, no mundo desenvolvido, o pastor assume o papel de treinador e capacitador e as pessoas estão envolvidas no ministério, a igreja alcança uma taxa de crescimento anual de 8 a 10%. Apesar de ser um mundo secular, a igreja cresce grandemente. O problema não é o secularismo, o problema é a igreja depender do pastor para fazer tudo.

Sinto-me encorajado ao ver Associações inteiras e muitas congregações locais que começaram a se mover nessa direção. Isso me anima a continuar. Ainda sou otimista. Creio que essa mudança não pode ser opcional; ela deve ocorrer para o avanço da missão. Estou feliz por poder falar aos pastores da América do Sul sobre esse tema. Vou orar para que a América do Sul viva, de fato, essa experiência. **M**



William de Moraes

Teologia dos dons

Colocar a pessoa certa no lugar certo, pelo motivo certo, com o método certo, capacitada pelo poder certo, é sinônimo de sucesso

A igreja não existe plenamente sem o Espírito Santo. Se Jesus é o maior presente de Deus à humanidade, o Espírito Santo é o maior presente de Cristo à igreja. E os dons do Espírito são uma das maiores expressões do Espírito em cada congregação. Igreja sem o Espírito Santo é quase uma contradição.

Após ter dado a vida na cruz, tendo provido a base legal para o cumprimento da promessa do Pai de enviar o Espírito Santo (At 2:33), o Salvador subiu triunfalmente às alturas e concedeu, por meio do Espírito, "dons aos homens" (Ef 4:8). São esses dons que tornam a igreja efetiva e relevante em cada contexto e período da história.

Essa visão da atividade do Espírito na dinâmica da igreja é um dos legados teológicos do apóstolo Paulo. Ao lado de João, que destaca a pessoa do Espírito Santo, e de Lucas, que enfatiza a atuação do Espírito, Paulo é um dos grandes nomes da pneumatologia do Novo Testamento. Para se ter uma ideia de sua contribuição nessa área, basta mencionar que, das 379 vezes que o termo grego *pneuma* ("e/Espírito") aparece no Novo Testamento, 146 estão nas 13 cartas paulinas.



Paulo apresenta o conceito dos dons espirituais como “ferramentas” para a edificação da igreja. Embora esse tema não seja exclusivo dele (ver 1Pe 4:10, 11), o apóstolo é seu principal formulador. Ele discute o assunto em três passagens principais: Romanos 12:4-8, 1 Coríntios 12-14 e Efésios 4:7-16. Para potencializar o uso dos dons na igreja hoje, é necessário entender sua natureza e função.

Conceitos e categorias

Muitas definições têm sido dadas para os dons espirituais, a maioria enfatizando sua origem (Deus/Cristo), sua distribuição (o Espírito Santo) e seu propósito (edificar a igreja). Por exemplo, Peter Wagner diz que “um

dom espiritual é um atributo especial concedido pelo Espírito Santo a cada membro do corpo de Cristo, de acordo com a graça de Deus, para uso no contexto do corpo”.¹

James Packer prefere um enfoque cristológico: “A partir do Céu, Cristo usa os cristãos como sua boca, suas mãos, seus pés e até seu sorriso. É por meio de nós, seu povo, que Ele fala e age, encontra, ama e salva aqui e agora neste mundo.”²

No Novo Testamento, o termo grego normalmente traduzido como “dom” é *charisma* (plural *charismata*). Usado quase exclusivamente por Paulo, *charisma* aparece 17 vezes no Novo Testamento.³ Essa palavra pré-paulina, derivada ou da raiz *charis* (“graça”) ou do verbo *charizomai* (“dar graciosamente”), significa “dom generoso” ou “dom da graça”, no sentido de que Deus, livre e soberanamente, concede “graças” especiais aos crentes. Os coríntios usavam a palavra *pneumatika*, mas Paulo preferiu *charisma* ou *charismata*, certamente para mostrar que o dom vem gratuitamente de Deus e não é conquistado por merecimento humano.

Alguns estudiosos fazem uma distinção entre “dons” e “talentos”. Dwight Pentecost, por exemplo, escreve que, “quando falamos dos dons do Espírito, não estamos falando dos talentos natos com que certos indivíduos têm sido dotados desde o nascimento natural”, mas de “capacitação sobrenatural”.⁴ Para Siegfried Schatzmann, há uma “clara ausência de apoio exegético para a equação dos carismas com os talentos naturais”.⁵

Outros autores, contudo, não veem grande diferença entre ambos os conceitos. Donald Carson sugere que “Paulo não se sentiria desconfortável com [a ideia] de que os dons espirituais sejam formados por uma mistura de talentos naturais – que ele consideraria ainda como sendo dons de Deus – e uma dotação específica energizada pelo Espírito”.⁶ Bruce Bugbee, para quem “os talentos naturais são dados em nosso nascimento físico”, enquanto “o dom espiritual é dado em nosso nascimento espiritual”, reconhece que os talentos “podem ser

transformados pelo Espírito Santo e empossados como dons espirituais”.⁷

Os autores adventistas em geral veem talentos e dons como bênçãos celestiais relacionadas. James Zackrison, colocando o uso dos dons espirituais como “parte do quadro mais amplo do discipulado cristão”, observa que às vezes os dons apenas “realçam as habilidades naturais” e às vezes são algo “totalmente diferente”.⁸ Ellen White usou ambas as palavras intercambiavelmente, embora ressaltando o uso espiritual dos talentos. Na perspectiva dela, o dom é um fluxo constante da graça: Deus nos dá o talento e nós o devolvemos a Deus, que o retorna purificado e multiplicado, de modo que o fluxo de bênçãos possa beneficiar o maior número possível de pessoas.⁹

De fato, não precisamos colocar uma barreira entre os dois conceitos. Profecia e socorro, por exemplo, estão na mesma categoria de dons. O talento colocado a serviço de Deus se transforma em dom. O que faz a diferença é se vivemos para exaltar a nós mesmos ou para glorificar a Deus.

Há também um debate sobre o que o Espírito Santo outorga à igreja: atividades, ministérios ou pessoas? Kenneth Berding argumenta que o conceito que conecta as passagens que tratam dos dons espirituais é “ministérios” dados pelo Espírito, e não “habilidades” especiais.¹⁰ William Atkinson escreve: “Embora seja mais simples ver os dons do Espírito em [1 Coríntios] 12:8-10 em termos de atividade, a sobreposição que existe entre essa lista e uma similar no fim do capítulo [1 Coríntios 12: 28-30] indica que o Espírito também concede pessoas.”¹¹ Nessa última passagem, Paulo menciona pessoas (apóstolos, profetas) juntamente com atividades (curas, línguas).

A questão tem que ver com a melhor tradução do termo *pneumatikon*, de gênero indeterminado, de 1 Coríntios 12:1: seria “dons espirituais”, “coisas espirituais” ou “pessoas espirituais”? Literalmente, Paulo disse: “A respeito dos espirituais [*pneumatika*], não quero, irmãos, que sejais ignorantes.” O que os leitores de Paulo teriam entendido?



Eugenio Marongiu / Fotolia

Há três possibilidades: (1) “mulheres espirituais” (palavra feminina na gramática grega), (2) “dons espirituais” (palavra neutra) e (3) “pessoas espirituais” (palavra masculina). O contexto favorece “pessoas espirituais”.¹² Na verdade, isso não faz muita diferença. O Espírito Santo trabalha com as pessoas, habilitando-as a desenvolver ao nível máximo seus ministérios, papéis, funções e tarefas.

Vale mencionar ainda que os teólogos têm feito tentativas de classificar os dons bíblicos em três (ou mais) conjuntos. Porém, esses arranjos às vezes parecem arbitrários, embora possam ter valor didático. Se fôssemos fazer qualquer categorização, uma opção seria partir de 1 Coríntios 12:4-6, onde Paulo particularizou diferentes tipos de dons (*charismata*), mas o mesmo Espírito; diferentes tipos de serviços (*diakonia*), mas o mesmo Senhor; e diferentes tipos de realizações (*energemata*), mas o mesmo Deus.

Essa abordagem trinitária, consciente ou inconsciente, tem a vantagem de envolver todas as pessoas da Divindade. “A santa Trindade é o vínculo unificador dos dons do Espírito, serviço a Cristo como Senhor e atividades iniciadas por Deus.”¹³

Implicações práticas

Com base nos argumentos do apóstolo, podemos tirar várias lições sobre o uso dos dons para a igreja hoje. Vou enumerar sete:

1. Conhecer sobre os dons aumenta a possibilidade de seu uso correto. Paulo não queria que os coríntios fossem ignorantes (literalmente, “sem conhecimento”, sem *gnosis*) sobre o tema (1Co 12:1), embora isso estivesse ocorrendo. Hoje também temos que estudar sobre os dons.

2. A ênfase na variedade de dons indica múltiplas possibilidades. O fato de nenhuma das quatro listas de dons repetir totalmente as outras sugere que elas não exaurem todos os dons possíveis, mas são meramente ilustrativas ou representativas. “O interesse de Paulo em 1 Coríntios 12:8-10 foi oferecer uma lista *considerável* de modo que eles [os coríntios] parassem

de ser singulares em sua própria ênfase.”¹⁴ Em nossos dias, Paulo talvez pudesse acrescentar cantores, oradores de rádio e TV, colportores e médicos, para mencionar apenas alguns.

3. O ideal é que cada um trabalhe de acordo com sua habilidade e paixão. Forçar alguém a fazer o que não sabe e não gosta é tortura espiritual. A pessoa errada no lugar errado, pela razão errada, com o método errado, é garantia de fracasso. Contudo, isso não significa que a pessoa só possa atuar se tiver um grande preparo ou gosto pela atividade.

4. O amor é o critério para regular o uso dos dons. Ter todos os dons e qualidades sem o amor é igual a zero. Sem o amor, o dom se torna um falso carisma, porque o Espírito que capacita é o Espírito do amor. Paulo não inseriu por acaso seu grandioso poema sobre o amor na discussão acerca dos dons espirituais. Você preferiria ter uma igreja sem muitos dons ou sem amor?

5. O dom perde a legitimidade se romper a unidade ou ignorar a diversidade. A analogia do corpo já era conhecida, mas Paulo a tornou efetiva no contexto da igreja. O objetivo dos dons é a cooperação, não a competição; a unidade, não a desunião; o crescimento, não a desintegração. Contudo, o apóstolo reconheceu o valor da diversidade. Ele destacou três elementos: unidade, diversidade e maturidade. Todos esses aspectos são essenciais para o funcionamento saudável da igreja.

6. Os dons que têm maior visibilidade não são mais importantes do que os menos destacados. Publicidade não é sinônimo de utilidade. Cristãos com menos dons não são membros de segunda classe (1Co 12:22). Eles são indispensáveis.

7. Apenas o dom que constrói é bom para a igreja. Paulo gostava do verbo “edificar” (*oikodomeo*), que significa “construir”. Esse conceito de “edificação” não era encontrado na literatura religiosa pagã. Parece que Paulo cunhou um termo para enfatizar a obrigação de agir tendo em vista o benefício do grupo. Os dons, serviços

ou ministérios devem atuar para obter resultados positivos. Eles não visam ao sucesso da pessoa, mas ao bem comum (1Co 12:7). A finalidade é abençoar a comunidade. Por isso, tudo deve ser feito com ordem (*taxin*), sem caos (1Co 14:40). Quando cada elemento se encaixa em perfeita sincronia, a igreja é construída de acordo com o projeto original. Você tem usado seus dons para edificar a igreja e glorificar a Deus? **IM**

Referências

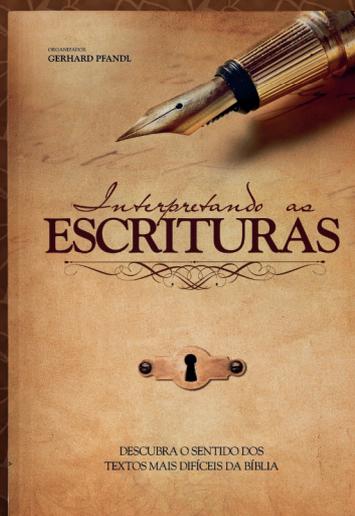
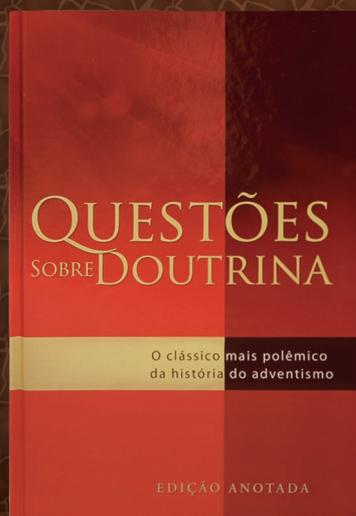
- ¹ C. Peter Wagner, *Your Spiritual Gifts Can Help Your Church Grow*, ed. rev. (Ventura, CA: Regal, 1994), p. 34
- ² J. I. Packer, *Keep in Step with the Spirit: Finding Fullness in Our Walk with God*, ed. rev. (Grand Rapids, MI: Baker, 2005), p. 70, 71.
- ³ Outras palavras usadas para “dom” são *charis, dorea, doma, dorema, doron, dosis e pneumatikon*.
- ⁴ Dwight J. Pentecost, *The Divine Comforter: The Person and Work of the Holy Spirit* (Grand Rapids, MI: Kregel, 1998), p. 165, 166.
- ⁵ Siegfried S. Schatzmann, *A Pauline Theology of Charismata* (Peabody, MA: Hendrickson, 1987), p. 73.
- ⁶ D. I. Carson, *Showing the Spirit: A Theological Exposition of 1 Corinthians 12-14* (Grand Rapids, MI: Baker, 2000), p. 37.
- ⁷ Bruce Bugbee, *What You Do Best in the Body of Christ* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), p. 62, 63.
- ⁸ James W. Zackrison, *Practical Spiritual Gifts* (Boise, ID: Pacific Press, 1996), p. 11, 15.
- ⁹ A passagem clássica/representativa de Ellen G. White sobre o assunto se encontra em *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), p. 328.
- ¹⁰ Kenneth Berding, “Confusing Word and Concept in ‘Spiritual Gifts’: Have We Forgotten James Barr’s Exhortations?”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 43(2000), p. 39, 46. Para ele, o conceito de habilidades especiais está presente apenas em 1 Coríntios 12:8-10 (p. 39).
- ¹¹ William P. Atkinson, “1 Corinthians”, em *A Biblical Theology of the Holy Spirit*, ed. Trevor J. Burke e Keith Warrington (Eugene, OR: Cascade, 2014), p. 154.
- ¹² W. Larry Richards, *1 Corinthians* (Nampa, ID: Pacific Press, 1997), p. 210, 211.
- ¹³ Anthony C. Thiselton, *A Shorter Guide to the Holy Spirit: Bible, Doctrine, Experience* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2016), p. 29. Para outra possibilidade, ver George E. Rice, “Dons Espirituais”, em *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, ed. Raoul Dederen (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 682.
- ¹⁴ Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), p. 585.

Seu estudo com maior profundidade

Este livro foi escrito para apresentar uma visão mais clara sobre os ensinamentos adventistas para o mundo evangélico, além de motivar a Igreja Adventista a refinar sua teologia em vários aspectos. Com o lançamento desta edição anotada em português, você tem a oportunidade de conhecer esta obra-prima da apologética adventista de forma mais acessível.

Descubra o significado dos textos mais difíceis da Bíblia. Este importante livro foi escrito para pessoas que, enfrentando dificuldades na compreensão de certos textos bíblicos, ficariam gratas em receber alguma ajuda. Ele também será útil a pastores e instrutores bíblicos em seus respectivos ministérios.

Desde seu início, o movimento adventista tem tido uma forte consciência de sua identidade profética como povo remanescente. Como movimento apocalíptico e remanescente, o adventismo desempenhará um papel único nos eventos finais do conflito cósmico. Ao ler este livro, você terá uma visão mais real desse papel e será desafiado a se unir ao povo de Deus em sua missão especial.



0800-9790606 | cpb.com.br | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora



Além da **teoria**

O papel do pastor no processo do discipulado



Rawpixel.com / Fotolia

“**A** última instrução dada por Jesus aos discípulos foi: ‘Ide, [...] fazei discípulos de todas as nações’ (Mt 28:19; cf. At 1:8). Assim como Cristo foi enviado ao mundo pelo Pai, do mesmo modo Ele enviou Seus discípulos (Jo 20:21). [...] Os membros da igreja foram chamados a sair do mundo para serem

enviados de volta ao mundo com uma missão e uma mensagem.”¹ Em outras palavras, o discipulado deve ser vivido em meio ao mundo.² Além disso, “o discipulado de Jesus não é a recompensa para alguns por um comportamento especial, mas sim [...] o mandamento divino [que] abrange a todos os cristãos”.³

Seguir a Cristo na condição de um crente “normal”, “comum”, é muito diferente do que estar com Ele na condição de um verdadeiro discipulador.

O que discipulado não é

Para entender claramente o significado de discípulo/discipulado, é importante

compreender o que discipulado não é.⁴ Em primeiro lugar, *discípulo/discipulado não é um programa*; ou seja, não é simplesmente um currículo que deve ser aprendido. De fato, ele é fundamentalmente a escola de seguir a Jesus, e envolve um modo de viver por toda a vida. Assim, não pode ser reduzido a requisitos a ser cumpridos. Podemos aprender boas técnicas e habilidades com esse intuito, mas elas são ferramentas, e não o processo em si.

Além disso, *discípulo/discipulado não é uma linha de produção*. Não podemos pensar em produzir discípulos por atacado. Ao contrário, o discipulado é um processo lento, pois requer acompanhamento, e envolve mudança gradual. No discipulado, uma pessoa discipula outra, ou um grupo muito pequeno de discípulos. Ou seja, não dá para discipular muitos ao mesmo tempo.

Na sequência, *discípulo/discipulado não é apenas para recém-convertidos*. O discipulado é para toda a vida, pois nunca podemos deixar de orar, estudar a Bíblia, memorizar as Escrituras ou ter momentos devocionais. Todo aquele que se entrega e se entrega a Jesus Cristo diariamente deve viver esse processo.

Finalmente, *discípulo/discipulado não é apenas para líderes*. Infelizmente, a história do cristianismo nos mostra que muitas vezes o treinamento espiritual foi exclusividade de líderes espirituais. Contudo, a Reforma Protestante mudou essa ideia, resgatando o conceito bíblico de que todos os que seguem a Jesus Cristo são ou devem ser discípulos, sem restrições.

O que discipulado é

Entre os hebreus, no Antigo Testamento, o termo para discípulos era *talmidim*, e indicava “aqueles que seguiam algum rabino específico e sua escola de pensamento”.⁵ No Novo Testamento, há várias palavras que se relacionam com discípulo ou discipulado. Uma delas é *akoloutho* (seguir), a qual “indica a ação de um homem que responde à chamada de Jesus, e cuja vida recebe novas diretrizes em obediência”.⁶

Outro termo é *opiso*, e pode ser traduzido como “ir atrás de alguém”, significando “participar da comunhão, da vida e dos sofrimentos de Cristo”.⁷ Entender o discipulado como “ir atrás de alguém” nos faz compreender que o autêntico discípulo de Jesus não pode e não deve olhar para trás, como que lembrando e sendo refém das experiências do passado. Sua vida deve ser vivida na perspectiva do futuro ao lado de Deus, sem considerar e valorizar demasiadamente aquilo que ficou para trás.⁸

O principal vocábulo grego traduzido como discípulo é *mathetes*, usado nos Evangelhos para referir-se a um *seguidor* de Jesus, um aprendiz, alguém *comprometido* com Cristo.⁹ Portanto, um discípulo “é alguém que ouviu o chamado de Jesus e se torna Seu seguidor”.¹⁰

Como discipular as pessoas?

Jesus Cristo considerava o discipulado como estilo de vida, o método eficaz para a pregação do Evangelho. Isso pode ser esboçado da seguinte maneira:¹¹

“Venha e veja” – Nesse estágio, o objetivo é despertar o interesse das pessoas para uma vida cristã autêntica. Reunir, expor, interessar e inspirar: essas são palavras que definem a primeira etapa.¹² Podemos integrá-las assim: Os cristãos se reúnem para expor, na prática, como se vive o cristianismo. Desse modo, o interesse dos convidados é despertado, inspirando-os a se tornarem cristãos autênticos.

No início do processo discipulador, precisamos contar aos “curiosos” e interessados por que somos cristãos, o que nos levará à essência de nosso cristianismo. Entretanto, não devemos fazer isso meramente com um bom discurso elaborado. Devemos convidá-los a conhecer-nos mais de perto. “Venha e veja”, esse deve ser nosso convite. As pessoas precisam ver como adoramos na igreja, como fazemos evangelismo, como nos reunimos em pequenos grupos ou como fazemos culto de pôr do sol. Elas precisam perceber também que

somos sociáveis, que vivemos a religião em todos os âmbitos da vida, por exemplo, em atividades esportivas ou em nosso ambiente de trabalho.

“Venha e siga-Me” – Havendo despertado a curiosidade e o interesse das pessoas em relação à vida cristã, o objetivo desse estágio é ensiná-las e ajudá-las a viver o cristianismo. Essa fase pode ser desafiadora porque o ser humano, de modo geral, não gosta de sair do conforto. A etapa anterior pode ser muito confortável: é fácil “vir e ver” sem nenhum compromisso, como convidado e curioso, sem ter que tomar decisões. Contudo, “vir e ver” não é suficiente, é necessário viver.

Daí que, quando confrontadas a tomar uma decisão em favor de Cristo, algumas pessoas podem reagir com desconfiança e desagrado. Outras podem simplesmente nunca mais voltar à igreja, ou não atender qualquer convite que tenha que ver com religião, espiritualidade e Deus. Afinal, seguir a Cristo implica abandonar hábitos, princípios e a cosmovisão. E isso mexe com qualquer um.

Por outro lado, a pessoa que “veio e viu” pode ter sido impressionada por aquilo que observou e, tocada pelo Espírito Santo, pode concluir em seu coração que essa é a vida que sempre buscou. Ao pensar assim, ela deseja voltar mais vezes, demonstra interesse em aprender mais sobre a Bíblia e quer viver como a igreja vive. O fato é que essa impressão positiva ocorre com muita frequência, o que é demonstrado pelo crescimento numérico da Igreja Adventista. Pela graça de Deus, as pessoas sentem-se acolhidas em nossas congregações, pequenos grupos e outros espaços, e seu interesse é despertado, sendo inspiradas a viver como cristãos autênticos.

“Venha e fique comigo” – Esse estágio destaca uma ação fundamental: fazer. Mais do que apenas saber, os discípulos devem fazer. O Mestre sabia da importância disso

na transformação de um discípulo em discipulador. Em Marcos 3:13, 14, é-nos dito que Jesus escolheu “doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar”. Mateus, por sua vez, registra as seguintes palavras de Cristo: “A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a Sua seara” (9:37, 38).

Os versos acima apresentam três princípios fundamentais na formação de um discipulador.

É necessário que passemos tempo com Jesus Cristo: Ele escolheu “doze para estarem com Ele” (Mc 3:13). “Estar com Ele” é o segredo de uma vida de influência, de testemunho eficaz. É o segredo para um discípulo se tornar discipulador. E o que significa estar com Jesus? Significa dedicar tempo à vida devocional: estudar a Bíblia, orar e refletir. Nesse sentido, o Salmo 119:48 afirma: “Os meus olhos antecipam-se às vigílias noturnas, para que eu medite nas Tuas palavras.”

É necessário preparo sólido e constante: O segundo princípio é o preparo, pois, como disse Jesus, a seara é grande, está madura (Mt 9:37, 38), e os discípulos precisam agir. Entretanto, eles devem atuar da melhor maneira; afinal, não se pode encarar com displicência a missão de ser embaixadores de Cristo na Terra (2Co 5:20).

É necessário envolver-se na missão: o terceiro princípio fundamental na formação de um discipulador é cumprir a missão,

envolvendo-se nas ações planejadas pela igreja. Em Marcos 3:13, 14 é-nos dito que Jesus escolheu “doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar”. Esse, portanto, é o ápice do processo discipulador: envolver-se na missão.

“Venha e permaneça em Mim” – Nesse estágio, o discipulador compreendeu plenamente a necessidade de permanecer em Cristo. Isso passa a ser prioridade em sua vida, e seus frutos evidenciam que ele está conectado diariamente à Fonte. Uma vez que o discipulador vive em comunhão com Jesus, o envolvimento na missão é uma consequência. Entretanto, ele faz mais do que cumprir a missão: torna-se um professor ou professora, ensinando outros a serem discípulos. Com o tempo e a experiência, além de discipular, é capaz de ensinar a outros o processo discipulador.

Agora ele conduz os membros ao envolvimento com as atividades internas e externas da igreja. O que determina quem fica com um ou outro tipo de serviço? Um aspecto decisivo é o próprio dom do discípulo, pois alguns se sentem mais confortáveis e melhor capacitados para o ministério dentro da igreja, como professores da Escola Sabatina, membros da equipe de louvor, conselheiros do Clube de Desbravadores, entre outras atribuições. Outros preferem ministérios direcionados para fora da igreja, como visitar interessados, cuidar de uma classe bíblica ou dirigir um pequeno grupo.

Conclusão

O testemunho de Deus sobre Davi está em Atos 13:22. O Senhor poderia ter dito: “Acho que Davi é um grande militar”; “acho que Davi é um grande guerreiro”; “acho que Davi é um grande rei”, ou “acho que Davi é um grande e fiel pastor”. Contudo, Deus entendeu que nenhuma dessas afirmações seria adequada para se lembrar de Davi. Por isso, Ele resolveu afirmar: “Achei Davi para se importar com as coisas com as quais Eu me importo. Afinal de contas, o coração de Davi bate em sincronia com o Meu.” O coração do rei era totalmente do Senhor. Davi era um homem segundo o coração de Deus.

Discípulos e discipuladores são assim: Seu coração bate em sintonia e em sincronia com o coração de Deus. Eles se interessam por aquilo que Lhe interessa. Acima de tudo, o coração deles não está dividido: pertence inteiramente ao Senhor.

Com gente assim, Deus é capaz de revolucionar o mundo. É isso que Ele quer. Por isso, não basta ser batizado; temos que viver o discipulado! **M**

Referências

- ¹ *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: CPB, 2011), p. 610.
- ² Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado* (São Paulo: Mundo Cristão, 2016), p. 24.
- ³ *Ibid.*, p. 23.
- ⁴ Bill Hull, *The Disciple-Making Pastor: Leading Others on the Journey of Faith* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007), p. 35-41.
- ⁵ Russell Norman Champlin, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* (São Paulo: Hagnos, 2002), p. 181.
- ⁶ Lothar Coenen e Colin Brown (org), *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2000), p. 578.
- ⁷ *Ibid.*, p. 590.
- ⁸ *Ibid.*
- ⁹ Bill Hull, *The Complete Book of Discipleship: On Being and Making Followers of Christ* (Colorado Springs, CO: NavPress, 2006), p. 32.
- ¹⁰ *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 578.
- ¹¹ Esta seção foi adaptada de *The Disciple-Making Pastor*.
- ¹² Hull, p. 273.

Estágio	Aplicação contemporânea
“Venha e veja” (Jo 1:38, 39)	O papel do pastor e da igreja é despertar o <i>interesse</i> das pessoas para uma vida cristã autêntica.
“Venha e siga-Me” (Mc 1:17)	O papel do pastor e da igreja é ensinar e ajudar os membros a <i>viver</i> uma vida cristã autêntica.
“Venha e fique comigo” (Mc 3:13, 14; Mt 9:37, 38)	O papel do pastor e da igreja é <i>equipar</i> os membros para partilhar a vida cristã autêntica.
“Venha e permaneça em Mim” (Jo 15:5-7)	O papel do pastor e da igreja é ensinar e ajudar os membros a <i>discipular</i> outros numa vida cristã autêntica.

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



Talentos em ação

Como implementar ministérios de acordo com os dons na igreja local

No livro *Message, Mission and Unity of the Church*, Denis Fortin explica que o Novo Testamento demonstra com facilidade que o Espírito Santo é o responsável pelos vários ministérios da igreja. Ele ainda acrescenta que “a obra e atividade do Espírito Santo não podem ser circunscritas a um método radical para as atividades existentes”¹. Com isso em mente, quando falamos acerca da transformação de uma congregação numa comunidade que implemente seus respectivos ministérios, talvez venha à mente a ideia de que precisamos nos desfazer dos departamentos existentes, criando, assim, uma nova estrutura de funcionamento. Contudo, esse não é o propósito deste artigo.

É importante nos lembrarmos de que os departamentos constituem uma estrutura que beneficia o funcionamento congregacional em muitos aspectos. Eles foram organizados ao longo dos anos visando suprir as mais diversas necessidades da igreja. Por isso, minha intenção é sugerir alternativas para que os departamentos considerem a inter-relação entre os dons de seus membros e seus respectivos ministérios, a fim de promover a missão da igreja.

Do departamento ao ministério

Na Bíblia, a maioria das passagens que destacam os dons espirituais (Rm 12:4-8; 1Co 12:2-11, 27-31; Ef 4:7-16; 1Pe 4:8-11) compara a igreja ao “corpo humano”, no qual todos os membros possuem uma função



Prawny / Fotolia

específica. A intenção é mostrar o funcionamento orgânico regido por diferentes dons e ministérios. De acordo com Efésios 4, quando todos os membros do corpo trabalham corretamente, ele é edificado segundo a unidade e estatura de Cristo (Ef 4:13).

Diante disso, precisamos compreender claramente que, enquanto os membros da igreja não descobrirem seu propósito pessoal no reino de Deus, sua vida como cristãos não terá sentido algum. Eles apresentarão rápidos sinais de desânimo e estarão cada vez mais próximos da apostasia. Assim, um membro só poderá descobrir sua função a partir do momento em que identificar claramente seu dom e, por conseguinte, o ministério específico em que deve servir. De fato, a maioria dos cristãos não está preocupada com a aplicação de seus dons na missão apenas porque não foi educada para isso. Portanto, devemos aproveitar urgentemente essa grande quantidade de talentos desperdiçados.

Nesse contexto, os líderes de departamento exercem um papel fundamental para que os membros coloquem em prática

seus respectivos dons e, com efeito, seus ministérios. A fim de alcançar esse objetivo, é necessária uma mudança na maneira de conduzir o departamento. Para que haja a transição do conceito de departamento, num sentido restrito e meramente administrativo, para ministério, o diretor precisará: 1) ter consciência de que sua eleição à liderança tem por objetivo auxiliar os crentes de sua igreja na descoberta de seus dons específicos, a fim de aplicá-los em seu ministério e; 2) reconhecer que sua responsabilidade é planejar atividades, levando em conta os dons individuais de cada membro, em vez de preparar programas à igreja. Em última análise, sua incumbência é discipular seus companheiros para que desenvolvam suas competências.

Por exemplo, o Ministério da Mulher não se constitui um ministério apenas por receber esse título. Se a diretoria contribuiu para ajudar as mulheres a exercerem seus próprios ministérios, pode sim, ser considerado um ministério. Entretanto, se após um tempo de trabalho, as mulheres da igreja apenas acompanharam as

atividades desenvolvidas pela diretoria, se seus dons não foram descobertos, nem desenvolvidos nem aplicados em ministérios; se elas continuaram ociosas, então, não pode ser genuinamente considerado um ministério, e sim um departamento. Para ser um ministério legítimo, as mulheres da igreja devem ser treinadas para descobrir em quais tarefas específicas elas poderiam atuar de acordo com seus dons e as necessidades locais.

Contudo, a partir do mesmo exemplo acima, poderíamos indagar: quais seriam os ministérios específicos atribuídos às mulheres? De fato, essa pergunta só poderá ser respondida à luz das necessidades e aptidões de cada uma dentro de seu contexto como igreja. De maneira mais genérica, poderíamos inseri-las em atividades que previnem a gravidez na adolescência, em estudos bíblicos, trabalhos individuais com pessoas depressivas, visitação de doentes, educação culinária, alfabetização de adultos, atendimentos psicopedagógicos, entre outras ações. A simples existência de um Ministério da Mulher, com todas as suas funções administrativas preenchidas, não representa um acréscimo real à missão. Isso pode ser dito em relação a todos os outros departamentos da igreja local. À luz de 1 Coríntios 12:4-6, cada departamento deve envolver os membros em atividades regidas por seus ministérios específicos, a partir do conhecimento de seus dons pessoais.

Os líderes dos departamentos poderão produzir um impacto na missão somente se assumirem sua função como pastores-mestres, o que inclui pastoreio e ensino. Que tipo de ensino? Acerca dos dons espirituais e dos ministérios. Deve haver uma união de forças entre todos os líderes para que os membros estejam envolvidos na missão. Essa realidade ocorrerá apenas quando as habilidades individuais

forem identificadas e aplicadas nos respectivos ministérios.

Nesse sentido, qualquer atividade promovida pela igreja que envolva os membros na missão, por generalizada ou coletiva que seja, assume uma característica individual. Isso ocorre justamente porque o membro possui uma função exclusiva no reino de Deus, embora seja orientado coletivamente. Assim, além dos trabalhos missionários convencionais como distribuir folhetos, visitar ou dar estudos bíblicos, existem muitas outras atividades que podem ser realizadas a partir

de competências pessoais que, muitas vezes, não costumam ser encaradas como ferramentas para a missão. Por exemplo, se um determinado grupo de pessoas quiser evangelizar crianças de uma comunidade, ele poderá fazer uso de trabalhos com encenação de bonecos e, a partir daí, após conquistar a simpatia delas, apresentar algum conteúdo bíblico. Desse modo, ambas as atividades estarão envolvidas na missão.

Enquanto a igreja estiver estritamente interessada em concentrar seus esforços e atenção nos métodos de evangelização

Departamento (tradicional)	Departamento (ministérios)
Os líderes desenvolvem as atividades sem levar em conta os dons.	Os líderes veem nos dons a base para o desenvolvimento de todas as suas atividades.
O foco principal está nas atividades.	O foco principal está nas pessoas.
O diretor faz e os membros observam.	Os membros atuam e o diretor, sua equipe e o ancião conselheiro coordenam o que os membros fazem.
O importante é que o diretor, sua equipe e o ancião conselheiro exerçam seus próprios dons e ministérios.	O importante é que os membros exerçam os dons e ministérios deles.
A meta reside no trabalho da diretoria.	A meta reside no trabalho dos membros em geral.
Não há preocupação em tirar as pessoas da inatividade.	A preocupação é o envolvimento de todos na missão.
Não há interesse na descoberta dos dons e ministérios individuais dos membros.	Há um profundo interesse em descobrir os dons e em desenvolver os ministérios dos membros da igreja.
O membro da igreja não sabe sua função no plano divino para a igreja local.	O membro da igreja sabe qual é sua função na estrutura missionária da igreja local.
O diretor trabalha de forma independente ou departamentalizada em relação aos demais cargos.	O diretor trabalha interligado aos demais líderes, pois todos estão buscando o desenvolvimento dos dons dos membros para a ministração de necessidades específicas na missão.
O diretor não visa ao desenvolvimento individual dos membros.	O diretor busca identificar na igreja todos os membros que têm dons e ministérios que se afinam com o departamento que ele dirige.
Cada diretor pensa só em si e no que gostaria de realizar.	Os diretores se tornam apoiadores dos ministérios dos membros.
Grande índice de apostasia.	Diminuição da apostasia.
As atividades são planejadas baseadas no pensamento dos líderes.	As atividades são planejadas com o objetivo de suprir necessidades locais.

convencionais, ela conseguirá envolver apenas uma porcentagem mínima de seus membros que, na maioria dos casos, sempre está envolvida com alguma atividade na congregação. A fim de que todos estejam engajados na missão utilizando seus dons particulares, é necessária a conscientização sobre a existência de ministérios específicos que, embora pessoais, contribuem para o desenvolvimento do corpo de Cristo. Evidentemente, não estou alegando que a igreja necessite abandonar o funcionamento de seus ministérios convencionais, pelo contrário: é necessário torná-los cada vez mais funcionais, contando com os dons específicos de cada membro. Se isso não ocorre, todas as possibilidades de engajamento dentro da missão ficam limitadas e, por consequência, o crescimento da igreja é comprometido.

Liderança e crescimento

Estudos demonstram que as igrejas que experimentam crescimento significativo de seus membros costumam capacitá-los a desenvolver seus respectivos ministérios, tanto nas atividades eclesiais quanto na comunidade em que estão inseridos.²

Mike Regele e Mark Schulz enfatizam que “ao contrário da maioria das instituições, a igreja não pode limitar sua atenção a certos grupos de pessoas”.³ Por sua vez, Bill Hybels destaca que a razão para o crescimento da igreja e a manutenção de seus membros é justamente a estrutura organizada para o desenvolvimento de ministérios que facilitem a assimilação de novos crentes. Para ele, é essencial motivar as oportunidades para o discípulo, expandir as opções de serviço e formar novos líderes.⁴ Dessa forma, segundo Hybels, dos sete passos estratégicos que identificam uma igreja que cresce, um deles corresponde a “realizar os ministérios de acordo com os dons espirituais”.⁵ Por último, Christian Schwarz também destaca os ministérios orientados pelos dons,

como marca fundamental para a expansão natural da igreja.⁶

No contexto adventista, o livro *Nisto Cremos* afirma: “Aqueles que recebem os dons espirituais devem servir especialmente o grupo de crentes, treinando-os para os vários tipos de ministérios, de acordo com os dons recebidos. Isso faz a igreja amadurecer, levando-a à plena estatura de Cristo. Esses ministérios incrementam a estabilidade espiritual da igreja.”⁷

Uma das dificuldades existentes quanto à implementação de ministérios de acordo com os dons está relacionada à liderança. Temos a necessidade de que os líderes selecionados para seus cargos compreendam que as pessoas envolvidas em seus departamentos devem utilizar os dons como resposta ao chamado de Deus.

Assim, pastores e líderes de uma congregação devem ajudar os membros a descobrir seus ministérios e, posteriormente, treiná-los a fim de que suas competências sejam colocadas em prática. Algumas breves sugestões para isso podem ser enumeradas:

1. O planejamento das ações da igreja, que envolve os membros, deve incluir os dons espirituais de cada um deles, quando possível.

2. Deve-se identificar as necessidades locais. É necessário que os líderes tenham conhecimento do ambiente social em que a igreja está inserida e, a partir do que pode ser realizado por seus membros, buscar atender positivamente às necessidades da comunidade.

3. Os membros precisam ter um conhecimento básico, claro e simples a respeito de como utilizar seus dons diariamente, em conformidade com a experiência da igreja apostólica.

4. Os líderes necessitam estar conscientes de que não devem trabalhar sozinhos. Eles têm apenas o papel de facilitadores para que os membros, sob sua responsabilidade, coloquem em prática o que podem realizar de melhor para o reino de Deus.

Conclusão

Os membros da igreja precisam estar cientes de como cruzar a ponte entre seus dons pessoais e os ministérios a eles relacionados. A menos que a liderança compreenda a importância individual de cada crente, a maioria deles não saberá como utilizar seus talentos para a missão. De fato, praticar uma atividade a esmo não significa exercer um ministério. Para que um serviço seja considerado um ministério legítimo, é necessário que ele seja exercido com base nos dons individuais. Muitos ministérios, contudo, poderão ser identificados a partir de atividades diárias, ou seja, de algo que estará comumente associado àquilo que é prazeroso ao membro. O dom individual de cada cristão esconde um ministério acalentado em seu coração e necessita ser expresso como serviço para o reino de Deus. Por isso, o trabalho não pode ser imposto, ou seja, determinado, sem considerar as aptidões dos membros e as necessidades da comunidade local.

Por fim, quando ajudamos outros a descobrir seus dons e aplicá-los em ministérios, não estamos apenas auxiliando-os no crescimento espiritual, mas também crescendo em termos de maturidade cristã.⁸ **M**

Referências

¹ Denis Fortin, “The Holy Spirit and the Church”, em Ángel Manuel Rodríguez (ed). *Message, Mission and Unity of the Church* (Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2013), p. 320, 321 (itálico acrescentado).

² Eddie Gibbs, *Para Onde Vai a Igreja?* (Curitiba: Editora Esperança, 2012), p. 23.

³ Mike Regele; Mark Schulz, *The Death of the Church* (Grand Rapids: Zondervan, 1995), p. 1.

⁴ Bill e Lynne Hybels, *Redescoberto a Igreja* (São Paulo: Editora Hagnos, 2003), p. 169.

⁵ *Ibid.*

⁶ Christian Schwarz, *O Desenvolvimento Natural da Igreja* (Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1996), p. 22-38.

⁷ Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, *Nisto Cremos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 271.

⁸ Curtis James, *Encountering God by Serving Others*. Disponível em <npfcc.org>. Acesso em 30/12/2010.



No coração da Amazônia

A chegada dos primeiros missionários adventistas ao Norte do Brasil

As primeiras iniciativas evangelísticas da Igreja Adventista do Sétimo Dia na região amazônica estiveram sob a responsabilidade da União Este Brasileira, sendo fundamental o apoio da Divisão Sul-Americana. O missionário alemão John Lipke (1875-1943), em 1910, já falava de dois ou três membros da denominação em Pernambuco, que planejavam mudar-se para o Estado do Amazonas.¹ Entretanto, oficialmente, a primeira fase de evangelização da área amazônica começou em 1918, com a organização da União Este.

Oliver Montgomery, presidente da Divisão, sabia de um grupo de pessoas no Amazonas que havia lido materiais adventistas. Como resultado, elas queriam ser batizadas. Contudo, não havia ninguém para ser enviado até lá.² Provavelmente, esses interessados sejam os mesmos que enviaram uma carta em abril de 1917 à Casa Publicadora Brasileira, e foram citados por Augusto Pages (1866-1946) em um artigo para a

Review and Herald. O autor informava que ele e mais alguém estavam sendo desligados de uma denominação, porque queriam ser membros da Igreja Adventista. Ele contou ainda que havia recebido a mensagem adventista em Pernambuco, por meio de uma senhora que lhe presenteara com um exemplar do livro *Estudos Bíblicos*. Segundo Ricardo Wilfart, o missivista era diácono de uma igreja evangélica em Manaus.³ Augusto Pages confirma a informação, e conta que o homem pedia orientação de como enviar o dízimo.⁴

Em janeiro de 1918, Wilfart declarava que, em abril de 1917, havia recebido a referida carta. Parece que tão logo a mensagem chegou à Casa Publicadora, Pages a enviou a Wilfart, em Pernambuco. Entretanto, tudo indica que ninguém foi designado para atender aquele homem, porque o trabalho era desenvolvido somente nos estados costeiros da região Nordeste, e o posto mais avançado era Pernambuco.⁵

Na ocasião, a Divisão Sul-Americana já alimentava o plano de entrar na região amazônica.⁶ Em 1920, Montgomery teve a intenção de enviar colportores para Mato Grosso e Amazonas.⁷ No entanto, o plano foi transferido para 1921,⁸ pois lhe surgiu outra ideia. Ele resolveu fazer uma viagem pelo rio Amazonas, com o objetivo de planejar o começo do trabalho na região. Assim, ele e W. H. Williams, secretário da Divisão, saíram de Buenos Aires em maio de 1920, passando por Bolívia, Chile e Peru, até chegarem a Manaus.⁹ Quando fizeram a viagem pelo Amazonas, gastaram 52 dias, ida e volta, do Peru até Manaus.¹⁰ No total, dedicaram entre quatro a seis meses de viagem a fim de fazer o planejamento missionário para aquela região.¹¹

William Spicer sugere que somente um colportor havia trabalhado no Amazonas, quando Montgomery e Williams encontraram em Manaus um grupo de pessoas guardando a “luz brilhante”.¹² Eles fizeram



Gustavofrazaio / Fotolia

planos para estabelecer uma Missão em Belém, PA. Por muitos anos, essa viagem pela região amazônica foi uma inspiração aos obreiros e membros adventistas da América do Sul.

Apesar da empolgação, a União Este enfrentava dois grandes desafios. O primeiro era o vasto território que exigia uma viagem de cinco dias pela costa oceânica. Outra dificuldade era a falta de obreiros para atender toda a área. Em 1922, a União tinha apenas seis ministros ordenados, nove missionários estrangeiros licenciados, três professores e 35 colportores, sendo que Maranhão, Piauí e Ceará também tinham poucos colportores, que formavam alguns grupos de observadores do sábado.¹³

A organização da Missão Baixo-Amazonas

A segunda fase de evangelização da Amazônia foi marcada pela instalação de obreiros e a organização da Missão Baixo-

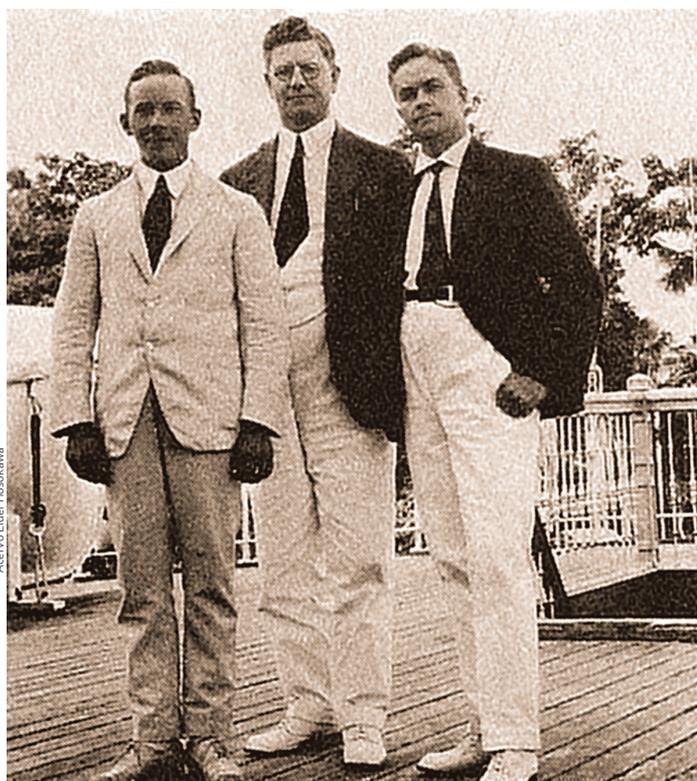
Amazonas. Em 1926, as Uniões Sul e Este planejavam enviar dois colportores para trabalhar em lugares ainda não alcançados, próximos à foz do rio Amazonas.¹⁴ Assim, em 1927, com a visita de Montgomery, então oficial da Associação Geral, ocorreu a sessão bienal da União Este, sendo escolhido John Brown para iniciar a obra adventista no baixo Amazonas. Por dois anos, um fundo de reserva foi estabelecido para efetivar o trabalho naquela região. O objetivo era colocar um obreiro na capital do Pará, na foz do Amazonas.¹⁵

Quando John Brown foi chamado para essa tarefa, perguntou quais eram os dois melhores colportores da União Este, a fim de que fossem com ele ao Amazonas, num ministério de autossustento.¹⁶ O grupo inicial de obreiros era formado por seis pessoas: John Brown, a esposa e o filho adolescente; André Gedrath, um colportor experiente; e Hans Mayr, outro colportor, e a esposa.¹⁷ Mayr e Gedrath receberam preparo na Escola de Treinamento de Santo Amaro, e o chamado deles, em abril de 1927, foi assim registrado: "Sr. e Sra. Hans Mayr, da Escola de Treinamento do Brasil, para a Missão Baixo-Amazonas, Brasil. André Gedrath da Escola de Treinamento do Brasil, para a Missão Baixo-Amazonas, Brasil."¹⁸ O território do campo abrangia os Estados do Pará, Amazonas, Ceará, Maranhão e Piauí, e os antigos territórios federais do Acre, Amapá, Roraima e Rondônia.

Hans Mayr e André Gedrath também se estabeleceram em Belém e, usando botes, começaram a colportar pelo rio Amazonas e seus

afluentes.¹⁹ Um tomou 133 e o outro 127 pedidos, e o pastor Brown recebeu do governador do Pará uma recomendação para ir de cidade em cidade com as publicações adventistas.²⁰ Embora fosse presidente da nova Missão, John Brown atuava estrategicamente como diretor de Publicações. Os planos da obra adventista para a região amazônica naqueles dias podiam ser assim sintetizados por Carlyle Haynes, presidente da Divisão Sul-Americana: "Temos enviado o irmão J. L. Brown para a cidade de Belém no estado do Pará, no Brasil, a qual está na foz do rio Amazonas. Ele tem obtido grande favor do governador daquele estado, e está começando a estabelecer uma nova missão naquela cidade. Ele espera ir para a cidade de Manaus, 1.500 milhas acima no rio Amazonas."²¹

A estratégia da Divisão Sul-Americana para a região amazônica era dupla. Enquanto Fernando Stahl, em território peruano, trabalhava na cabeceira do rio Amazonas, Brown se estabelecia em sua foz, no lado brasileiro. O objetivo era fazer empreendimentos nos extremos do maior rio do mundo, abaixo do Equador.²² Outra



Aeenvy Elder Hosokawa

Harry Foster, Oliver Montgomery e W. H. Williams em viagem pelo Amazonas



Arquivo UNB

André Gedrath e Hans Mayr, colportores experientes que desbravaram o rio Amazonas e seus afluentes

iniciativa evangelística na região era feita pela União Este do Caribe, que mantinha a Missão Indígena do Monte Roraima, na divisa da Venezuela com o Brasil, e era responsável pela evangelização das Guianas.²³ Obreiros daquela Missão evangelizaram os índios Makusi, do Brasil.²⁴

John Brown também se envolveu na distribuição de literatura de casa em casa, começando sua primeira viagem missionária no segundo semestre de 1927. Pelo rio Amazonas, ele foi de Belém em direção a Manaus, e espalhou grande quantidade de folhetos e revistas *O Atalaia* em cada parada, ao longo dos 10 dias de jornada.²⁵

Certa ocasião, Brown estava na mesa de refeição do barco, quando um viajante o apresentou a um judeu como um “cristão que guardava o sábado do sétimo dia”.²⁶ O judeu disse ter um amigo em Maués, sua cidade, que gostava da Bíblia, mas não

acreditava nos missionários do domingo, acrescentando que lhe havia falado a respeito do sábado de Deus.

Chegando ao rio Maués, o pastor Brown conheceu o senhor Michiles e deu-lhe revistas e folhetos. Michiles prometeu lê-los e escrever para Brown se gostasse do material. Alguns meses depois, o homem enviou uma correspondência informando que havia aceitado a tríplice mensagem angélica, estava guardando os mandamentos de Deus, preparava-se para o retorno de Jesus e fazia esforço diligente para apresentar o evangelho a outros.²⁷

Michiles foi o primeiro adventista do sétimo dia da Amazônia brasileira. Ele se tornou um missionário voluntário na região. Mediante seu ministério, muitas pessoas foram evangelizadas.²⁸

O judeu negociante, por meio de quem o pastor Brown fez contato com Michiles, tornou-se distribuidor de literatura adventista. “Então Deus também o usou para espalhar a luz dessa mensagem.”²⁹ “Não é maravilhoso como Deus, por meio de uns poucos tratados, começou poderosa conquista no coração do Amazonas?”³⁰

O legado deixado por aqueles pioneiros se tornou uma inspiradora herança denominacional. De modo especial, o resgate dessa história neste artigo é um reconhecimento carinhoso à União Norte Brasileira que, neste ano, comemora 80 anos de existência. Entretanto, o aspecto mais bonito e inspirador de sua trajetória é que a União Norte não vive simplesmente da história passada. Ela renova continuamente seu compromisso com a missão profética da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Louvado seja Deus por isso! 

Referências

- ¹ John Lipke, “North Brazil Mission”, *Review and Herald*, 4/8/1910, p. 9.
- ² O. Montgomery, “South America’s Joy”, *Review and Herald*, 2/5/1918, p. 16.
- ³ Ricardo Wilfart, “Pernambuco. Uma porta aberta no Amazonas”, *Revista Mensal*, janeiro de 1918, p. 12.
- ⁴ A. Pages, “Open Doors in Amazonas”, *Review and Herald*, 31/10/1918, p. 9.
- ⁵ *Ibid.*
- ⁶ O. Montgomery, “South American Division Committee Council”, *Review and Herald*, 1/11/1917, p. 9.
- ⁷ Oliver Montgomery, “Brazilian Union Council”, *Review and Herald*, 29/5/1919, p. 22.
- ⁸ J. L. Shaw, “Conventions and Conferences in South America”, *Review and Herald*, 1/7/1920, p. 20.
- ⁹ W. E. Murray, “The Advent River Grows Ever Larger in South America”, *Review and Herald*, 3/5/1956, p. 5.
- ¹⁰ Spicer, *Our Story of Missions*, p. 268.
- ¹¹ John L. Shaw, “Observations in South America”, *Review and Herald*, 12/8/1920, p. 3.
- ¹² *Ibid.*
- ¹³ H. Meyer, “East Brazil Union Mission”, *Review and Herald*, 22/6/1922, p. 16.
- ¹⁴ *Review and Herald*, 4/2/1926, p. 24.
- ¹⁵ O. Montgomery, “Visiting South America”, *Review and Herald*, 14/4/1927, p. 8.
- ¹⁶ O. Montgomery, “Visiting South America...Nº 3”, *Review and Herald*, 23/3/1933, p. 12-13.
- ¹⁷ O. Montgomery, “First Word From the Lower Amazon”, *Review and Herald*, 15/9/1927, p. 12.
- ¹⁸ C. K. Meyers, “To the Mission Fields in 1927”, *Review and Herald*, 19/1/1928, p. 5.
- ¹⁹ F. H. Wilcox, “Colportagem”, *Revista Mensal*, fevereiro de 1929, p. 6.
- ²⁰ N. Z. Town, “Pioneering on the Amazon”, *Review and Herald*, 6/10/1927, p. 13.
- ²¹ Carlyle B. Haynes, “The Call for Greater Evangelism”, *Review and Herald*, 24/11/1927, p. 8.
- ²² *Ibid.*
- ²³ A. W. Cott, “From Mt. Roraima Into Venezuela and Brazil – Nº 1”, *Review and Herald*, 14/3/1929, p. 18.
- ²⁴ A. W. Cott, “From Mt. Roraima Into Venezuela and Brazil – Nº 3”, *Review and Herald*, 4/4/1929, p. 13.
- ²⁵ O. Montgomery, “Visiting South America...Nº 3”, *Review and Herald*, 23/3/1933, p. 12-13.
- ²⁶ *Ibid.*
- ²⁷ Carlyle B. Haynes, “The Indians of South America”, *Review and Herald*, 13/9/1928, p. 11-13.
- ²⁸ O. Montgomery, “Visiting South America...Nº 3”, *Review and Herald*, 23/3/1933, p. 12-13.
- ²⁹ *Ibid.*
- ³⁰ E. H. Wilcox, “Work in the Amazonas Territory – Nº 2”, *Review and Herald*, 28/8/1930, p. 21-22.



Gentileza do autor

Paulo e a lei

Considerações exegéticas sobre Romanos 6:14

Entre os diversos temas que se destacam em Romanos, a relação significativa entre “lei” e “graça” foi um dos mais estimados pelo apóstolo Paulo. No entanto, na história do cristianismo, essa correspondência se tornou, usando uma expressão popular, um “tabu” teológico. Por isso, no pensamento e na experiência de não poucos cristãos, a declaração do Salmo 85:10 é estranha e distante: “A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram” (ACF).

Ellen White não nos deixou no escuro quanto à identidade do autor último desse raciocínio: “O engano de Satanás é que a morte de Cristo introduziu a graça para tomar o lugar da lei.” Em uma espécie de paráfrase de Romanos 3:31, ela ainda acrescentou: “Essa preciosa graça oferecida aos homens por meio do sangue do Salvador estabelece a lei de Deus.”¹

Debaixo da lei ou da graça?²

Quando lemos a declaração “não estais debaixo da lei, e sim da graça”, e ao nos familiarizarmos com o debate teológico que ela tem gerado, uma das questões que está por trás de toda discussão é o que Paulo quis dizer com o termo “lei” em Romanos 6:14. As respostas mais representativas são: (1) a lei de Moisés e; (2) a lei como princípio geral.

Contudo, independentemente da opção escolhida, ainda é necessário definir o que ela “conota”. Algumas propostas em relação ao que compreende “lei” em Romanos 6:14

são: (1) os termos “lei” e “pecado” trabalham de modo complementar, afirmando que viver sob a lei é viver sob o poder do pecado (D. J. Moo, T. R. Schreiner); (2) Paulo se referiu à capacidade da lei para expor e condenar pecadores (C. E. B. Cranfield); (3) “lei” indica uma “distinção” entre judeus e gentios (J. D. G. Dunn); e (4) o uso de “lei” em Romanos 6:14 confirma o estado de escravidão dos seres humanos frente ao pecado (J. Murray). A partir de uma visão dicotômica entre “lei” (*nómos*) e “graça” (*charis*), alguns têm questionado a própria natureza da lei divina, colocando em dúvida sua validade no contexto da experiência cristã. Lendo com atenção, porém, é extremamente improvável que Paulo tivesse depreciado a lei que em outros lugares do mesmo documento ele exaltou e caracterizou como normativa (cf. 3:31; 7:12, 14, 22, 25; 8: 4-7; 13:8-10).³

Outros tentam esclarecer a questão observando que a frase traduzida como “não estais debaixo da lei”, em sua língua original, não tem o artigo definido antes da palavra “lei” (lit. “não estais debaixo de lei”). Entretanto, em grego *koiné*, quando não existe artigo indefinido, um substantivo sem artigo pode ser “indefinido”, “qualitativo” ou “definido”. Nesse caso, apesar das tentativas,⁴ a ausência ou a presença do artigo no uso paulino do termo não nos permite afirmar um princípio linguístico e interpretativo conclusivo.⁵ Por outro lado, um princípio semântico consensual entre os eruditos é que o uso de *nómos* reflete a polivalência da expressão hebraica *torah*.

Isso implica que “lei”, na literatura paulina, compreende uma variedade de nuances (por exemplo, Rm 7:7; 8:2; 1Co 14:21; Gl 4:21; 6:2). Desse modo, o contexto imediato do texto no qual se insere a palavra é o que determinará, em última instância, o significado dela.

Na primeira seção do v. 14, a partícula *gár* (“porque”) não só introduz o material explicativo, que aumenta ou apoia o que o precede, mas também conecta linguisticamente os versos 12 a 14. A oração continua com a expressão “terá domínio” (ACF), que traduz a força do futuro do indicativo *kyrieusei* (de *kurieuo*, “dominar”, “governar”). O termo tem sido traduzido de maneiras distintas em diversos idiomas: ora como futuro (indicativo), ora como presente (indicativo) e ainda na forma imperativa (simples).⁶

Apesar da falta de consenso das diferentes versões bíblicas e dos exegetas paulinos sobre as implicações hamartológicas de *kyrieusei* – uma “ordem” (J. A. Fitzmyer, B. M. Newman, E. A. Nida) ou uma “promessa” (T. R. Schreiner, F. Godet, L. Morris, J. Murray, D. J. Moo, J. D. G. Dunn)? – entendo que o contexto imediato (v. 12-14) e mais amplo (capítulos 5-8), com a dimensão qualitativa de *hamartia* e a natureza do futuro do indicativo,⁷ permitem sugerir que o apóstolo não estava afirmando a “impecabilidade” dos cristãos, mas a possibilidade que eles têm de viver à altura da fé que professam.⁸

Como parece evidente, a intensidade refletida na fraseologia paulina conceitua

uma atitude condescendente (*epithymia* [v. 12]) e servil (*hupakouo* [v. 12]) diante do pecado por meio das expressões sugestivas “reine” (*basileueto* [v. 12]) e “domínio” (*kyrieusei* [v. 14]). A proposta cristã, em sua manifestação teológica mais pura e elementar, procura restaurar a relação entre Deus e a humanidade. Isso significa abandonar uma “filosofia de vida” inclinada para o pecado (“instrumentos de iniquidade [*adikias*]” [v. 13]), e adotar uma “teologia de vida” (“instrumentos de justiça [*dikaioynēs*]” [v. 13]); ou seja, um estilo de vida que, superando a percepção mesquinha e limitada inerente ao ser humano, adote como base a Revelação. O enfoque paulino, de claro alcance existencial, pressupõe uma transformação comportamental do cristão (cf. 6:6, 16, 17, 18, 19, 20, 22). Confessar que Jesus de Nazaré é o Messias inclui reconhecê-Lo como Salvador e Senhor (“o senhorio de Cristo”, cf. “Não [*mé*] reine... o pecado” [v. 12]; “Nem [*medé*] ofereçais... ao pecado” [v. 13]).

As fórmulas “debaixo da lei” (*hypo nómon*) e “debaixo da graça” (*hypo chárin*) (ACF), na segunda parte do v. 14, mostram a razão que sustenta a declaração do início do texto (note o uso de *gár* novamente). O pano de fundo teológico da expressão “debaixo da lei” emerge de um modelo salvífico centrado na lei (nomocêntrico), que reduz a experiência religiosa ao “fazer” (cf. Rm 3:20). Somado a isso, a estrutura sintática *hypo* + acusativo revela que a palavra “debaixo”, em nossas traduções modernas, envolve a ideia de “controle”. Alonso Schökel percebe, com sensibilidade inquestionável, essa peculiaridade linguística: “já que não vivem submetidos [*hypo nómon*] à lei” (Bíblia de Nuestro Pueblo).

Difícilmente se pode ignorar o forte contraste entre a impotência do homem e a força do pecado, que termina envidando seus esforços para, assim, condená-lo ao desespero. A convicção do apóstolo se expressa em uma linguagem de escravidão

e submissão que não “vitimiza” o homem, mas que o encontra em sua ignorância egocêntrica (“salvação pelas obras”). Em oposição, “debaixo da graça” aponta para o poder salvífico do sacrifício expiatório de Cristo. No conjunto do pensamento soteriológico de Paulo, a mensagem parte da macro-história (“conflito cósmico” [5:12-21]) para explicar a micro-história (“nossa vida” [6:12-14]).

Nesse contexto, o batismo é o ponto de inflexão por meio do qual o cristão aceita, e experimenta, a oferta divina (6:4).⁹ Somente pela graça e misericórdia de Deus, podemos exclamar como o apóstolo: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2:20 [NVI]).

Com base no que foi dito até aqui, Romanos 6:14 é uma peça fundamental da teologia paulina do batismo (6:1-14). A singularidade do versículo 14 é que ele lança luz sobre a vida cotidiana dos que aceitaram em sua vida a intervenção salvífica e o senhorio de Cristo.

Conclusão

A frase “não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça” (ACF), permite-nos vislumbrar uma mensagem claramente cristocêntrica. O texto não discute a continuidade nem a descontinuidade de determinada “lei”, mas dá testemunho de uma hermenêutica cuja reflexão teológica gravita em torno da obra e da pessoa de Jesus. Como era de se esperar, as projeções não deixam nenhuma área da existência humana fora do quadro teórico e, sob a orientação divina, permitem que o homem veja um Deus tão transcendente quanto imanente.

Finalmente, é possível intuir que o tema e a grande contribuição de Romanos é manifestar de forma categórica nossa dependência vital de Jesus e Sua justiça, a fim de nos conscientizar de nossa inescapável,

patética e autodestrutiva condição pecaminosa. **M**

Referências

- ¹ Ellen G. White, *Fé e Obras*, <egw writings.org>, p. 26.
- ² As referências ao texto grego do Novo Testamento correspondem ao *Novum Testamentum Graece*, eds. E. Nestlé, et al. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012).
- ³ Ver N. T. Wright, *Paul and the Faithfulness of God* (Minneapolis: Fortress Press, 2013), v.1, p. 513, nota 153.
- ⁴ Ver E. De Witt Burton, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Galatians* (New York: C. Scribner's sons, 1920), p. 447-460; S. Westerholm, “Torah, Nomos and Law”, em *Law in Religious Communities in the Roman Period: The Debate Over Torah and Nomos in Post-Biblical Judaism and Early Christianity* (Waterloo, Canadá: Wilfrid Laurier University Press, 1991), p. 45-56. Uma contribuição recente sobre a utilização do artigo em grego pode ser encontrada em R. D. Peters, *The Greek Article: A Functional Grammar of δ-items in the Greek New Testament with Special Emphasis on the Greek Article* (Leiden: E. J. Brill, 2014).
- ⁵ Cf. J. H. Moulton e N. Turner, *A Grammar of New Testament Greek*, Volume 3: Syntax (Edinburgh: T. & T. Clark, 1963), p. 177.
- ⁶ Encontramos o mesmo uso de *kurieuo* em uma inscrição de meados do século 2 d.C. (G. H. R. Horsley et al. eds., *New Documents Illustrating Early Christianity* [AHDR, 5 vols.; Austrália: Macquarie University, 1981-1989], v. 2, p. 105).
- ⁷ Acerca do futuro do indicativo ver F. Blass, A. Debrunner e R. W. Funk, *A Greek Grammar of the New Testament and other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago, 1961), p. 183; C. F. D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek* (Cambridge: Cambridge University Press, 1959), p. 10; S. E. Porter, *Idioms of the Greek New Testament* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999), p. 44; M. Zerwick, *El Griego del Nuevo Testamento* (Navarra: Verbo Divino, 2006), p. 123-126. Embora tenha sido sugerida uma influência semítica, por vezes, a função do futuro do indicativo no Novo Testamento está alinhada com o grego clássico e helenístico. Ver F. Rodríguez Adrados, *Nueva Sintaxis del Griego Antiguo* (Madrid: Gredos, 1992), p. 469-471.
- ⁸ Os intérpretes reconhecem uma “tensão escatológica”. Ver, por exemplo, R. N. Longenecker, *The Epistle to the Romans: A Commentary on the Greek Text* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2015), p. 616.
- ⁹ “Fazendo do batismo o sinal de entrada para Seu reino espiritual, Cristo o estabeleceu como condição positiva à qual têm que atender os que desejam ser reconhecidos como estando sob a jurisdição do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, <egw writings.org>, p. 91).



Efeito Hollywood

O pastor frente à cultura fílmica

Bernardbodo / Fotolia

Vídeos e filmes se encontram entre os produtos mais consumidos na atualidade. Sua influência é tão forte que, não importando para qual tela midiática se olhe, lá, um deles sempre estará inserido, despertando nossa atenção. O crítico Skip Young adverte que o universo cinematográfico continua crescendo em ritmo acelerado, e “a impressão que temos é de que todos os filmes estão disponíveis o tempo todo. A única coisa que o público precisa fazer é se conectar”¹.

Como líderes religiosos, não estamos imunes a essa poderosa influência, tampouco estão nossas congregações. Mesmo aqueles que nunca entraram em uma sala de cinema, provavelmente, consomem filmes pela tela da TV, do computador, ou do *tablet*. Este artigo analisa a problemática do conteúdo ideológico/filosófico dos filmes e alerta para o cuidado que precisamos ter a fim de não estimular os membros da igreja a buscarem conteúdos que não servirão para a edificação deles.

A influência dos filmes

O poder de influência da cultura cinematográfica é consenso entre os especialistas da área. O historiador Sidney Leite afirma que os filmes podem “imprimir formas, forjar e maquinar situações e contribuir para o funcionamento de um conjunto de ideias e crenças. A rigor, os filmes são poderosos formadores e deformadores de opinião”². Marin Karmitz denunciou que, por trás do aspecto industrial, os filmes possuem um aspecto ideológico: “A verdadeira batalha no momento é saber quem poderá controlar as imagens do mundo e, com isso, vender certo estilo de vida, certa cultura, certos produtos e certas ideias.”³ Flávia Costa, doutora em comunicação, admite que os filmes têm “influenciado nossa maneira de conceber e representar o mundo, nossa subjetividade, nosso modo de vivenciar experiências”⁴. O famoso cineasta Elia Kazan já preconizava em meados da década de 1980: “Os filmes são o diálogo do mundo.”⁵

Boa parte desse sucesso se deve ao poderio da indústria cinematográfica americana. Hollywood aprendeu, com erros e acertos, a fazer com que seu produto chegasse a todo tipo de público. Tanta dedicação resultou em um lucro anual de bilhões de dólares. Engana-se quem pensa que Hollywood tem como maior objetivo que todos entrem numa sala de cinema. Segundo Edward Epstein, no fim da década passada, 85% da renda da indústria fílmica americana foram provenientes dos consumidores que compraram produtos ligados aos filmes e assistiram a DVDs na televisão.⁶ Anualmente, 80% dos filmes exibidos no mundo são de Hollywood. Nas locadoras brasileiras esse índice chegou a 98%, o que levou o país a ser o maior importador de filmes norte-americanos na América Latina.⁷

A ideologia dos filmes

Nem todos percebem, mas cada filme é mais do que uma simples história. Trata-se de um veículo para se transmitir uma ideia,

ou um conjunto de idiossincrasias. O roteirista de filmes Brian Godawa afirmou: “Os filmes comunicam mitos e valores culturais dominantes. Esse efeito cultural é muito mais profundo do que o excesso de sexo e violência. É algo que se estende à filosofia por trás do filme [...]. A criação de uma história leva o espectador a ter experiências dramáticas e a ver as coisas como os roteiristas querem que ele as veja.”⁸

Pode-se pensar nos grandes temas como aventura, romance, drama ou terror. Contudo, há muito mais por debaixo da superfície, e nem sempre é fácil detectar onde realmente está a mensagem central de um filme. Douglas Kellner, crítico cultural, menciona que os filmes americanos fazem parte de uma cultura que ajuda a modelar os valores mais profundos das pessoas, definindo o que é moral ou imoral, bom ou mau, positivo ou negativo.⁹ Ou seja, em cada filme, existe um conjunto de sugestões ideológicas, filosóficas ou antropológicas que acaba sendo assimilado quase sem questionamento. Tudo como fruto do encantamento das imagens que percorrem a tela velocemente. Talvez por isso, o cientista político Benjamin Barber tenha expressado sua convicção de que os executivos dos estúdios e os cineastas são os verdadeiros “capitães” da indústria mundial da cultura. O que eles controlam não são os produtos, “mas as verdadeiras palavras, imagens, sons e sabores que constroem o domínio ideológico-afetivo pelo qual nosso mundo físico de bens materiais é interpretado, controlado e guiado”.¹⁰

Vejamos, por exemplo, um dos filmes mais famosos e influentes de todos os tempos: Titanic. Seu diretor, James Cameron, utilizou o relato do naufrágio do famoso navio como pano de fundo para a história de uma paixão. O que parece ser apenas um romance épico, contém cenas que revelam incursões ideológicas e paradigmas contemporâneos: o herói (Leonardo DiCaprio) é um jovem sem rumo, sem

compromisso com ninguém e com desejo de ganhar a vida sem esforço. Ele entra no navio sem pagar, como resultado de uma aposta em um jogo de cartas. Sua suposta liberdade o leva a dizer que é o “dono do mundo”. Conhece uma moça prestes a se casar e se apaixona por ela, mesmo ela estando noiva. Então, eles se envolvem intimamente dentro de um carro que está no interior do navio. No fim, ela afirma que o “dono do mundo” a salvou de tudo o que alguém deseja ser salvo.

Obviamente, os itens citados refletem uma confrontação com a visão cristã da vida no contexto do grande conflito. Para um espectador não cristão, possivelmente, tais detalhes passem despercebidos. No

Hollywood tem sido muito eficaz em sua capacidade de criar universos fantasiosos, onde Deus e a Bíblia são completamente descartados.

entanto, a despeito da formação cultural ou religiosa do espectador, a mensagem está sendo transmitida. Considerado por outro ângulo (não religioso), pode-se chegar às seguintes conclusões sobre o roteiro de Titanic: aproveitar a vida significa ser solteiro, sem moradia fixa e sem emprego permanente. É possível, e até interessante, viver sem dinheiro e depender constantemente dos outros. Não ter vínculos afetivos com nada nem com ninguém é o suprassumo da liberdade individual. Iludir as pessoas, e até praticar pequenos furtos, é perdoável. Paquerar uma moça comprometida é aceitável. Ter relação sexual com uma pessoa que está prestes a se casar não implica problema, principalmente quando o outro deseja a mesma coisa. Usar o talento artístico para pintar o corpo nu de uma mulher comprometida é arte.

É possível que você tenha visto o filme e não tenha percebido alguns desses detalhes. Quantas pessoas foram “doutrinadas” pelo seu enredo? E os cristãos, será que ficaram imunes? E nós, líderes espirituais, conseguimos distinguir o joio do trigo? E nossos jovens? Eles são o grupo mais visado pela indústria fílmica. Os principais consumidores dos filmes de super-heróis são os adolescentes.

Um exemplo da nova safra é Homem de Ferro (2008). O personagem Tony Stark é bonito e rico. Um homem-máquina que tem telas de comunicação enxertadas em si mesmo. A mensagem é: o herói é arrogante e egoísta, mas, mesmo assim, consegue tudo o que quer. Ele leva as mulheres para sua cama e depois as despacha pela manhã. Seu primeiro pedido depois que volta do cativeiro é um hambúrguer, como se essa fosse a melhor refeição do mundo. Ele bebe muito, mas tudo fica bem depois.

O curioso e trágico nos filmes de super-heróis é que Deus está sempre ausente, e a salvação da humanidade recai sempre sobre os superpoderosos, levando-os a receber completo endeusamento – não apenas na ficção, mas também na vida real.

Mesmo filmes que, aparentemente, são classificados como “bonitos” ou “agradáveis”, contêm alguma mensagem antibíblica. É o caso do filme Náufrago (2000). A história gira em torno de Chuck Nolan, funcionário da empresa de entregas Fedex. Seu avião cai no mar e ele se torna o único sobrevivente, indo parar numa pequena ilha deserta. Sozinho e sem equipamentos, ele tenta sobreviver. Depois de quatro anos, decide fugir em uma balsa improvisada. Prestes a morrer, é resgatado e volta à civilização.

No primeiro momento, o filme leva o espectador a crer que a história seja sobre perseverança e resiliência. De fato, o personagem incorpora essas características. No entanto, o enredo apresenta detalhes nem sempre perceptíveis à primeira vista: sozinho e sem ninguém para ajudá-lo, ele

não faz uma única prece a Deus. Na ilha, ele percorre um caminho semelhante ao descrito pela evolução: aprender a se abrigar, morar em caverna, procurar comida, descobrir o fogo, criar ferramentas. Ele inventa um amigo imaginário (deus) usando uma bola, e presta devoção *semirreligiosa* a ele. Sua busca só termina quando ele encontra uma outra pessoa com quem conviver. No caso, sua ex-mulher, então casada com outro homem.

Ou seja, há um enredo de cunho naturalista: o ser humano está nas mãos do destino, em um universo darwinista. No fim do filme, o personagem para numa encruzilhada pensando qual estrada escolherá, dando a entender que não existe uma melhor do que a outra, cada um deve escolher seu destino.

Ana Lúcia Modesto, doutora em Ciências Sociais, afirma que até as cores são utilizadas nos filmes com o objetivo de impactar.¹¹

Hollywood tem sido muito eficaz em sua capacidade de criar universos fantasiosos, onde Deus e a Bíblia são completamente descartados. O curioso, porém, é notar que, apesar de as verdades bíblicas serem ignoradas nesses filmes, a ambição sempre tem algo de religioso.¹²

A pergunta que surge é: devemos abandonar completamente os filmes? Em minha opinião, seria imprudente apresentar um “sim” ou “não” categórico. Afinal, os filmes também são uma expressão da arte, uma manifestação da criatividade humana. É verdade que toda atividade artística produzida pelo homem está maculada pelo pecado, e não é diferente com a arte cinematográfica. Contudo, ainda assim, é possível encontrar algo aproveitável em meio ao entulho, descobrir um ou outro filme em que o roteiro não fere a verdade bíblica.

Discernimento e bom senso

Encontrar um filme que mereça ser assistido não é tarefa fácil. Como escolher?

Eis algumas sugestões, a começar pelo que pode ser feito antes de assistir ao filme: ore a Deus pedindo discernimento; informe-se por meio da crítica especializada; descarte roteiros com impureza sexual, violência extrema e consumo de drogas; leia entrevistas com diretores, atores e roteiristas para avaliar a visão deles sobre o que produziram. E pergunte a si mesmo: assistir a esse filme é a melhor maneira de passar o tempo livre?

Em seguida, assistindo ao filme, ainda é possível fazer questionamentos: A ideologia apresentada está ferindo meus princípios? Devo parar de assistir agora mesmo?

Nessas horas, um precioso conselho de Ellen White merece consideração: “Temos, todavia, uma obra a fazer a fim de resistir à tentação. Aqueles que não querem ser enredados nos ardis de Satanás devem guardar as entradas da alma. Devem evitar ler, ver ou ouvir aquilo que sugira pensamentos impuros. A mente não deve ser deixada a divagar ao acaso em todo assunto que o adversário das pessoas possa sugerir [...] Isso exigirá oração fervorosa e constante vigilância. Devemos ser auxiliados pela influência permanente do Espírito Santo, que atrairá a mente para cima, e a habituará a se ocupar com coisas puras e santas.”¹³

Alguém pode achar que tamanha avaliação seja muito complicada, mas saiba que é exatamente nesse ponto que devemos tomar o maior cuidado. O esforço para alcançar discernimento e fazer escolhas saudáveis faz parte de um processo de aprendizado e amadurecimento. “Quando o estudante sacrifica a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e passa a ser presa fácil do engano [...] É um fato grandemente ignorado, ainda que não deixe de haver sempre um perigo nisso, que o erro raramente aparece como aquilo que realmente é. É misturando-se com a verdade ou apegando-se a ela, que alcança aceitação [...] A mente que confia no juízo de outra, mais cedo ou mais tarde será transviada.

A capacidade de discernir entre o que é reto e o que não é, pode ser obtida unicamente pela confiança individual em Deus.”¹⁴

Diante da poderosa influência dos filmes, não podemos nos esquecer de que seu conteúdo afeta diretamente a mente das pessoas. E nossa mente é a porta de entrada para tudo aquilo que ditará o modelo de caráter que teremos. Erton Köhler afirmou acertadamente: “Quem consegue maior controle sobre os pensamentos, tem melhor influência sobre os desejos.”

O apóstolo Paulo fez um apelo: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso que ocupe o vosso pensamento” (Fp 4:8). 

Referências

- ¹ Skip Dine Young, *A Psicologia Vai ao Cinema* (São Paulo: Cultrix, 2014), p. 101.
- ² Sidney Ferreira Leite, *O Cinema Manipula a Realidade?* (São Paulo: Paulus, 2003), p. 6.
- ³ Benjamin Barber, *Jihad x McMundo* (Rio de Janeiro: Record, 2003), p. 116.
- ⁴ Flavia Cesarino Costa, *O Primeiro Cinema* (Rio de Janeiro: Azougue, 2005), p. 17.
- ⁵ Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, *A Tela Global* (Porto Alegre: Sulina, 2009), p. 9.
- ⁶ Edward Epstein, *O Grande Filme* (São Paulo: Summus, 2008), p. 355.
- ⁷ Rose Satiko Gitirana Hikiji, *Imagem-violência* (São Paulo: Terceiro Nome, 2012), p. 80.
- ⁸ Brian Godawa, *Cinema e Fé Cristã* (Viçosa, MG: Ultimato, 2004), p. 45-46.
- ⁹ Douglas Kellner, *A Cultura da Mídia* (Bauri, SP: Edusc, 2001), p. 9.
- ¹⁰ Barber, p. 115.
- ¹¹ Ana Lúcia Modesto, *A Fala e a Fúria: O psicopata como imagem do mal no cinema* (Belo Horizonte: Argumentvm, 2008).
- ¹² Chris Taylor, *Como Star Wars Conquistou o Universo* (São Paulo: Aleph, 2015), p. 22-23.
- ¹³ Ellen White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: CPB, 1993), p. 460.
- ¹⁴ Ellen White, *Educação* (Tatuí, SP: CPB, 2003), p. 230 e 231.
- ¹⁵ Erton Köhler, “Ir ao cinema: a melhor escolha?”, *Revista Adventista*, mai 2004, p. 19.

Sergio Becerra
 Diretor do Centro de
 Pesquisas Ellen G. White da
 Universidad Adventista del
 Plata, Argentina



Gentileza do autor

Uma luz menor

O papel de Ellen White no desenvolvimento doutrinário adventista



Os adventistas do sétimo dia aceitam o ministério de Ellen White como sendo inspirado porque reconhecem que ela manifestou as características bíblicas de um verdadeiro profeta. A autora deixou um conjunto de escritos que tem guiado a igreja desde seu início. A pergunta que surge é: que papel Ellen White desempenhou na formação e no desenvolvimento das doutrinas adventistas? Alguns críticos sugerem que a denominação concebeu suas doutrinas a partir das visões da escritora. Contudo, a igreja reafirma que suas crenças fundamentais surgiram exclusivamente por meio da pesquisa bíblica.

Com a finalidade de esclarecer esses questionamentos, responderemos a três perguntas: (1) Que relação há entre os escritos de Ellen White e a Bíblia? (2) Qual foi o papel da escritora na formação das doutrinas distintivas do adventismo? (3) Que função tiveram seus escritos no aperfeiçoamento doutrinário da Igreja Adventista?

Ellen White e a Bíblia

Ellen White sempre foi uma cristã fiel às Escrituras. Ela as usava para fundamentar seus escritos. Ao relatar a experiência dos pioneiros e fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a autora disse que, desde o início, eles assumiram “a posição de que a Bíblia, e somente a Bíblia”, seria sua bússola.¹ Ela defendeu o princípio protestante da *Sola Scriptura* e desafiou os cristãos

sinceros de sua época a adotá-lo também: “Mas Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas.”²

Para a escritora, a Bíblia sempre foi a fonte suprema de autoridade, até mesmo quando recebia uma visão contendo instrução direta de Deus sobre um assunto em particular. Ao dar conselhos, ela se reportava primeiramente às Escrituras: “Meu primeiro dever é apresentar os princípios bíblicos. Então, a menos que tenha sido efetuada decidida e conscienciosa reforma por aqueles cujos casos me foram apresentados, preciso apelar pessoalmente para eles.”³ De idêntica maneira, ao falar sobre a utilidade de seus textos em relação à Palavra de Deus, dizia que seus testemunhos não teriam sido necessários se as pessoas estudassem a Bíblia e trabalhassem para alcançar seu padrão.⁴

A importância das Escrituras em sua vida e seu ministério fica evidente em seus escritos. Eles estão repletos de referências, conceitos e aplicações bíblicas, sendo, às vezes, a porção principal de seus testemunhos ou declarações.⁵

No entanto, como ela interpretava a Bíblia? R. C. Jones afirma que não era como uma exegeta, teóloga, pregadora expositiva ou evangelista. “Ellen White acreditava que as Escrituras deviam impactar e transformar vidas.”⁶ Ela dizia que seus escritos, ao serem comparados com as Escrituras, eram “uma luz menor”, e não uma nova luz, nem uma luz adicional, que deviam conduzir à “luz maior” que é a Bíblia.⁷ A Palavra de Deus deve ser a norma de fé e conduta do cristão.⁸

Não há dúvidas de que a escritora defendia a supremacia e a autoridade final da Palavra de Deus em todos os âmbitos, inclusive, em relação a seus escritos. Então, como isso se relaciona com a formação das crenças fundamentais adventistas? É esclarecedora a experiência dos pioneiros ao definir as doutrinas, nos primeiros anos do adventismo.

Desenvolvimento doutrinário adventista

Os anos entre 1845 e 1848 formaram um período no qual os pioneiros adventistas formularam suas doutrinas distintivas a fim de responder a duas perguntas fundamentais: De acordo com as Escrituras, o que ocorreu em 22 de outubro de 1844? O que significava a purificação do santuário de Daniel 8:14? As respostas a esses questionamentos originaram o corpo doutrinário distintivo do adventismo sabatista: a segunda vinda literal, corpórea e visível de Cristo; o santuário celestial e as três fases do juízo; a perpetuidade da lei de Deus; a vigência do sábado e a imortalidade condicional do homem. O fator integrativo dessas doutrinas é a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14.

Durante esse período, Ellen White, assim como outros líderes, aceitou as verdades que estavam sendo descobertas na Bíblia. Ela também usou sua influência para reafirmar e confirmar as definições doutrinárias a que chegavam. Por exemplo, quando José Bates apresentou ao casal White a doutrina do sábado pela primeira vez, a reação deles foi negativa. “Eu não compreendia sua importância, e achava que ele errava em se ocupar com o quarto mandamento mais do que com os outros nove.”⁹ Em agosto de 1846, Bates publicou seu primeiro livro sobre o sétimo dia. Tiago e Ellen White compraram um exemplar, e a evidência bíblica fez com que aceitassem essa doutrina.¹⁰ Em uma carta posterior, Ellen disse a John Loughborough: “Acreditei na verdade quanto à questão do sábado antes de ter visto qualquer coisa em visão relativa ao sábado. Só meses depois de eu ter começado a guardar o sábado, foi-me mostrada sua importância e seu lugar na terceira mensagem angélica.”¹¹

Nos anos seguintes, a escritora continuou apoiando energicamente a doutrina do sábado, explicando seu significado teológico e espiritual. De idêntica maneira, quando Owen R. L. Crosier, Franklin B. Hahn e Hiram Edson descobriram a verdade do

santuário celestial por meio do estudo da Bíblia, e publicaram suas conclusões em um periódico, Ellen os apoiou. Ela escreveu em uma carta para Eli Curtis, em 1847: “O Senhor me mostrou em visão, faz mais de um ano, que o irmão Crosier tinha a verdadeira compreensão da purificação do santuário [...]; e que era da Sua vontade que o irmão Crosier escrevesse a visão que ele nos deu no *Day-Star* Extra, de 7 de fevereiro de 1846. Sinto-me perfeitamente autorizada pelo Senhor a recomendar esse Extra a todo santo.”¹² Novamente, é possível observar que seu papel era apoiar e confirmar as conclusões dos irmãos que pesquisavam a verdade, e não de estabelecer nem criar novas doutrinas por meio de suas visões.

Durante esse período de estruturação doutrinária, Ellen White escreveu a respeito da sua condição: “[...] eu não podia compreender o arrazoamento dos irmãos. Minha mente estava por assim dizer fechada, não podia compreender o sentido das passagens que estudávamos. Essa foi uma das maiores tristezas da minha vida. Fiquei nesse estado de espírito até que fossem tornados claros os pontos principais da nossa fé, em harmonia com a Palavra de Deus. Os irmãos sabiam que, quando não em visão, eu não compreendia esses assuntos, e aceitaram como luz direta do Céu as revelações dadas.”¹³

Essa foi uma exceção circunstancial, que não reflete a verdadeira capacidade que a escritora tinha para compreender a Bíblia e suas doutrinas. Deus determinou assim para evitar a acusação de que as doutrinas adventistas seriam fruto de suas visões ou pensamento. Entretanto, o que dizer de sua participação e influência durante o restante do seu ministério?

Aperfeiçoamento doutrinário adventista

O papel de Ellen White após a formação das doutrinas distintivas adventistas não mudou muito, salvo em dois aspectos. O primeiro está relacionado com a correção de alguns pontos referentes a algumas

doutrinas estabelecidas. De acordo com a autora, essas doutrinas foram definidas por meio de pesquisa bíblica e confirmadas pelo Espírito Santo por meio do dom profético.¹⁴ Isso lhes confere um selo de autenticidade especial que não mudará. Por outro lado, o adventismo tem doutrinas que são compartilhadas com as demais denominações e que não foram objeto de questionamento em seu início. Posteriormente, após a morte da escritora, em 1915, as doutrinas da Trindade e da salvação provocaram debates e tensões no contexto denominacional.

O dom profético foi fundamental para estimular a igreja a se aprofundar na compreensão dessas doutrinas. Ellen White contribuiu para o melhor entendimento da personalidade e divindade do Espírito Santo. A princípio, vários líderes sustentavam a noção de que Ele seria um poder e não uma pessoa. Seria uma influência do Pai e do Filho que se fazia necessária para que fossem onipresentes. Tiago White e José Bates admitiam essa ideia. O que estava em jogo era a defesa da personalidade de Deus, e esses líderes se opunham a posições que faziam do Espírito Santo um ser espiritual difuso ou O confundiam com a pessoa do Pai ou do Filho.¹⁵

Ellen White nunca se posicionou a favor ou contra essas declarações. Não obstante, logo depois de 1890, ela fez uma série de afirmações sobre a personalidade do Espírito Santo. Por exemplo: “Há três Pessoas vivas pertencentes à trindade celestial; em nome desses três grandes poderes — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — os que recebem

a Cristo [...] são batizados.”¹⁶ “O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma pessoa divina, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus.”¹⁷ Essas declarações, e a convicção de que a doutrina deveria ser corrigida à luz da Bíblia, levaram a Igreja Adventista a fazer uma transição para uma posição mais bíblica sobre o Espírito Santo.

Por outro lado, embora Ellen White não tivesse pretensões de ser reconhecida como teóloga, seus escritos apresentam temas teológicos que emergem de sua exposição das histórias bíblicas. De acordo com Herbert E. Douglass, a originalidade da escritora está na maneira com a qual sintetizou conceitos divinamente revelados.¹⁸ Dessa forma, ela integra vários elementos de seu pensamento em uma série de concepções teológicas que provêm um contexto interpretativo para suas obras. George R. Knight identificou sete desses temas: o amor de Deus; o grande conflito; Jesus, a cruz e a salvação por sua mediação; a centralidade da Bíblia; a segunda vinda; a mensagem do terceiro anjo e a missão; o cristianismo prático e o desenvolvimento do caráter cristão.¹⁹

Considerando os argumentos apresentados, a aceitação do dom de profecia manifesto na vida e obra de Ellen White não afeta o compromisso da Igreja Adventista com a verdade bíblica. O exemplo da autora ao enfatizar o princípio da *Sola Scriptura* é um de

seus maiores legados para membros, pastores e líderes da denominação. **M**

Referências

- ¹ Ellen G. White, Carta 105, 1903, <egwwritings.org>.
- ² Ellen G. White, *O Grande Conflito*, <egwwritings.org>, p. 595.
- ³ Ellen G. White, Carta 69, 1896, <egwwritings.org>.
- ⁴ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, <egwwritings.org>, v. 2, p. 605.
- ⁵ Ver o capítulo “Nicodemos” em *O Desejado de Todas as Nações*.
- ⁶ R. Clifford Jones, “Ellen White and Scripture”, *Understanding Ellen White: The Life And Work Of The Most Influential Voice In Adventist History*, Merlin D. Burt, ed., (Nampa, ID: Pacific Press, 2015), p. 47.
- ⁷ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, <egwwritings.org>, v. 2, p. 535.
- ⁸ Ellen G. White, “A Missionary Appeal”, *Review and Herald*, 15/12/1885.
- ⁹ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, <egwwritings.org>, v. 1, p. 76.
- ¹⁰ Arthur L. White, *Ellen G. White*, (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1985), v. 1, p. 116.
- ¹¹ Ellen G. White, Carta 2, 1874, <egwwritings.org>.
- ¹² Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, <egwwritings.org>, p. xxii.
- ¹³ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, <egwwritings.org>, v. 1, p. 207.
- ¹⁴ Ellen G. White, Manuscrito 125, 1907, <egwwritings.org>.
- ¹⁵ Merlin D. Burt, “Ellen White and the personhood of the Holy Spirit”, *Ministry*, abr 2012, p. 17-19.
- ¹⁶ Ellen G. White, *Evangelismo*, <egwwritings.org>, p. 615.
- ¹⁷ *Ibid.*, p. 617.
- ¹⁸ Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor* (Tatuí, SP: CPB, 2001), p. 256.
- ¹⁹ George R. Knight, *Conozcamos a Elena G. de White*, p. 139-162, em *Introducción a los escritos de Elena G. de White*, (Florida, Argentina: ACES, 2014).



5 de setembro,
às 18h30

Acesse o portal
pastor.adventistas.org

Vídeo chat

Felizes e Realizados

DIA DO Pastor

22 de outubro

integrando
gerações



Saindo da zona de conforto



Starlineart / Fotolia

Penso que muitos pastores sul-americanos têm o desejo de ser missionários, de servir além das fronteiras. Sempre disse que, se meus colegas dominassem a língua inglesa, o Brasil seria o maior celeiro missionário do mundo! Cresci assim, sonhando com missões. Finalmente, quando pensava que era muito tarde, Deus me chamou para servir na África. Durante seis anos trabalhei no Sudoeste do continente e, atualmente, tenho servido à igreja nas comunidades árabes do Norte africano.

Para mim, ser missionário é servir a Deus fora da zona de conforto. Isso não significa que você não possa ser um missionário em seu bairro, em sua cidade, ou em qualquer outro lugar. Eu nunca havia imaginado o que seria trabalhar numa região em que o cristianismo não é bem-vindo, até ser enviado para o Norte da África. Aqui há uma mesquita em cada bairro. Às sextas-feiras, em alguns países, as cidades ficam desertas, e as mesquitas, lotadas. O domingo se torna literalmente o primeiro dia de trabalho. Ninguém é chamado de pastor, e as poucas igrejas se reúnem nas casas. Os desafios são imensos, a conquista de um mulçumano para Cristo pode levar de cinco a dez anos. Diariamente rogamos pela proteção divina, pois a igreja não é reconhecida oficialmente em nenhum país.

Certo dia, enquanto visitava alguns irmãos em uma pequena cidade, procurei um hotel para me hospedar. Ao me apresentar, pediram-me a certidão de casamento. Então, expliquei ao recepcionista

que não havia trazido o documento. Rapidamente, ele respondeu que eu só poderia permanecer se tivesse uma autorização da polícia, pois eu não tinha como provar se a mulher que me acompanhava era meu cônjuge ou uma prostituta. Minha esposa se sentiu ofendida e não quis mais ficar no estabelecimento. Tentei convencê-la de que naquela circunstância deveríamos relevar a situação, pois já eram 16 horas de uma sexta-feira, e aquele era o único hotel da cidade. Finalmente, ela concordou. No sábado pela manhã, minha mulher pediu que eu antecipasse nosso retorno. Viajaríamos no domingo, mas consegui transferir o voo para sábado à noite. No dia seguinte, ao chegarmos em casa, fui informado de que a polícia havia ido ao hotel atrás de nós naquela noite!

Às vezes me pergunto: “Quanto estou disposto a me sacrificar pelo Senhor? E se eu for preso? E se for preciso dar minha vida pela missão?” Durante três anos moramos em um apartamento no terceiro andar de um prédio em que o elevador estava quebrado havia 20 anos! Cada vez que subia as escadas sentia o fedor de urina que impregnava o ambiente. Eu sabia que aquele desconforto fazia parte da missão e aceitei com submissão. Ter o desejo de ser missionário não significa que você tenha espírito missionário. Espírito missionário é quando você coloca a missão acima de seu bem-estar e de sua família. Certamente, isso desqualificaria muita gente para servir.

A vida de missionário me faz sentir de modo especial a presença de Deus, porque dependo Dele para prosseguir. Em outra

viagem que fiz, levava na mala cinco Bíblias em árabe e, aqui, como em outros países, ao sair do aeroporto, temos que passar a bagagem pelo raio X. Até chegar à esteira, não havia pensado no perigo que corria. Naquele momento, orei ao Senhor pedindo que bloqueasse a visão da pessoa encarregada. Entretanto, Ele respondeu além das minhas súplicas. O policial olhou para mim e disse que eu poderia tirar minha mala da esteira e passar com ela sem ser vistória-da. Quase não pude acreditar! Poderia ter sido preso, mas Deus fez mais do que pedi. Simplesmente, passei com as Bíblias sem ser revistado.

Nunca valorizei tanto a liberdade religiosa como agora. Que privilégio os cristãos têm na América do Sul. Poder ir à Casa do Senhor e adorá-Lo livremente! Dói-me só em pensar que ainda temos adoradores que não se dispõem a frequentar regularmente a igreja, a usufruir das bênçãos do convívio cristão e da oportunidade de testemunhar da redenção. Liberdade é o elemento mais precioso que o Senhor nos concedeu depois da salvação. Desfrute-a enquanto puder!

Eu olho para o Norte da África e para o Extremo Oriente com centenas de milhões de pessoas que não conhecem a Cristo e fico me perguntando: como Jesus voltará se o evangelho não for pregado a esse povo? Precisamos orar mais; orar por proteção, por sabedoria para realizar a obra. Que a benção do Senhor esteja conosco! **IM**

D. M.
Missionário no continente africano



William de Moraes

Hora de eleição

Dicas para conduzir o processo de nomeações dos oficiais da igreja

Ao iniciar o último trimestre do ano, no contexto adventista, o pastor distrital e seus líderes devem se ocupar da escolha dos oficiais para o próximo período eclesiástico. Esse processo pode ser realizado anualmente ou a cada dois anos.

A eleição desses oficiais se dá por meio de uma comissão de nomeações. O pastor ou, em sua ausência, o ancião, deve apresentar o assunto à igreja. Então, uma comissão organizadora é formada para escolher os participantes da comissão de nomeações.

Comissão organizadora: A comissão organizadora pode ser escolhida de duas formas: (1) Por indicação, verbal ou escrita, dos membros batizados da congregação. Seu tamanho deve ser maior que o número de membros da comissão da igreja. Nenhum membro pode indicar mais de uma pessoa. (2) Por sugestão e voto dos membros para que a comissão da igreja, mais cinco a sete pessoas indicadas pela congregação, funcione como comissão organizadora. É saudável alternar a forma da escolha dessa comissão ao longo dos anos.

O perfil da comissão de nomeações: Ao se reunir para sugerir os nomes para a comissão de nomeações, a comissão organizadora deve considerar alguns itens importantes: prezar por uma representatividade equilibrada; escolher somente membros em posição regular, de acordo com a definição do *Manual da Igreja*; não indicar pessoas que se opõem à unidade, que se recusam a cooperar e que não respeitam pastores e oficiais; sugerir pessoas que tenham no coração o bem-estar e o crescimento da igreja.



Kasto / Fotolia

Os nomes devem ser levados para a apreciação e votação da igreja, que também votará, entre eles, a indicação do secretário da comissão. O pastor é membro *ex officio* e atua como presidente.

O trabalho da comissão de nomeações: A comissão de nomeações se reunirá em data e local previamente agendados para preencher os respectivos cargos (o formulário é enviado pela Associação ou Missão. Ver também *Manual da Igreja*, ed. 2015, p. 74-112). Deve-se evitar sobrecarregar alguém com diversos cargos, a não ser que haja extrema necessidade, e por algum tempo. Os oficiais podem ser reeleitos; porém, não é aconselhável que uma pessoa ocupe certa posição indefinidamente.

A votação dos indicados: Após o término dos trabalhos, os membros da comissão apontados devem informar aos nomeados acerca de sua indicação, a fim de obter seu consentimento. Ninguém está autorizado a comentar fora da comissão os assuntos ali tratados. O relatório contendo o nome e a função dos indicados é apresentado à igreja pelo secretário da comissão de nomeações. Pode ser lido, caso seja uma igreja pequena, ou publicado como encarte no boletim, em uma igreja maior.

O pastor deve então propor, pedir apoio e comunicar que o relatório ficará sob observação por uma ou duas semanas. Após esse período, deverá ser votado.

O intervalo de duas semanas entre a primeira apresentação e a votação final é o mais indicado, pois pode haver desistência, objeção ou falta de tempo para contatar os indicados. Se houver observações justificáveis, a comissão deverá se reunir e apresentar novos nomes para substituição.

Os oficiais são eleitos para atuar durante um ano, exceto onde a igreja, em reunião administrativa, votar ter eleições a cada dois anos. Se durante esse período algum cargo ficar vago, a comissão da igreja deverá indicar um sucessor para ocupá-lo e submeter à igreja para votação.

Encerramento do processo: Concluído o processo, o pastor distrital poderá apresentar à igreja, num sábado, todos os recém-eleitos, pedindo as bênçãos do Senhor sobre eles. Seria oportuno também expressar gratidão por aqueles que não foram reconduzidos às suas funções, destacando que isso não os impede de continuar servindo a igreja por meio de seus dons. **M**

Fonte: *Manual da Igreja*, ed. 2015, capítulos 8 e 9



William de Moraes

Outro olhar

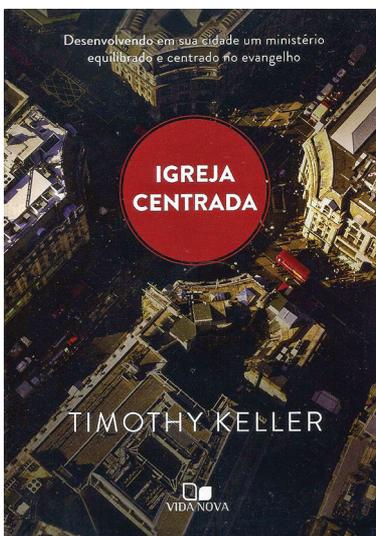
Livro nos desafia a repensar nossa postura em relação à cultura urbana

Pensar a respeito da igreja e de sua missão deve ser um trabalho contínuo para pastores e líderes denominacionais. Um dos livros que se propõem a ajudar nessa importante tarefa é *Igreja Centrada* (Vida Nova, 2014, 463 p.), de Timothy Keller.

Keller foi pastor por quase 10 anos de uma igreja numa cidade pequena, no interior da Virgínia. Depois, foi lecionar liderança, homilética e eclesiologia no Seminário Westminster, na Filadélfia. Em 1989, mudou-se para Nova York, a fim de plantar uma igreja no coração de Manhattan. Logo percebeu que o modelo que havia aplicado no interior não servia para a metrópole. E viu também que muitas igrejas que eram bem-sucedidas em outros lugares não tinham tanto êxito na Big Apple. O caminho escolhido por ele foi entender a cabeça do novo-iorquino e a cultura da cidade.

O autor mescla capacidade de refletir teologicamente e aplicar pastoralmente. Talvez ele tenha desenvolvido essa habilidade por ser um teólogo que não ficou restrito à sala de aula, mas que se aventurou a plantar igrejas e fazer missão. Esse livro se torna um bom exemplo de que não precisa haver dicotomia entre teoria e prática.

Em meio ao modismo de se lançar livros com títulos que começam com o termo “igreja” e são completados com vários adjetivos, Keller propõe e oferece uma reflexão mais profunda. De maneira geral, somos tentados a imitar modelos que estão “dando certo”. Seja por preguiça, pragmatismo, falta de capacidade ou de tempo, não temos feito a devida reflexão sobre nossa eclesiologia. Dessa forma, ficamos reféns das “novidades” do mundo cristão



que nem sempre se coadunam com nossa missão ou nos contentamos a promover e executar programas. O autor vai na contramão dessa ideia, dizendo que não existe igreja tamanho único. O que funciona em um lugar não funcionará, necessariamente, em outro. Por isso, os plantadores de igreja precisam fazer a lição de casa, refletindo sobre a mensagem que devem apresentar, quem desejam alcançar e como farão isso. Keller usa a metáfora do hardware, middleware e software para explicar o que é visão teológica. Ele define o primeiro como as doutrinas, o terceiro como as práticas ministeriais e o segundo como a visão que aplica a doutrina num determinado tempo e local. Em outras palavras, a visão teológica é a resposta para a seguinte pergunta: de que maneira as crenças doutrinárias da igreja podem se relacionar com o mundo de hoje? Numa perspectiva adventista, poderíamos dizer: o que o evangelho eterno ou a verdade presente tem a dizer para o contexto pós-moderno, urbano e

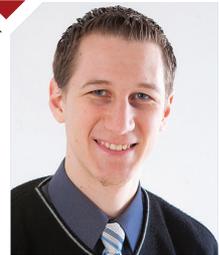
globalizado? O que nossa mensagem oferece de apoio e confrontação para a cultura atual?

Para chegar a essas respostas, Keller sugere que voltemos à Bíblia. Esse passo é o primeiro, é indispensável, mas não pode ser o único. Se assim fosse, o *Nisto Creemos* e o *Tratado de Teologia*, no contexto adventista, já dariam conta dessa tarefa. Essas obras importantíssimas costumam descrever as crenças, mas sem aplicá-las ao contexto contemporâneo. Portanto, o trabalho de formar a visão teológica continua com uma análise da cultura, da razão humana e da tradição da própria igreja.

O autor denomina a visão teológica dele de “igreja centrada” por quatro razões: (1) porque o evangelho está no centro da abordagem; (2) porque o centro é o lugar do equilíbrio; (3) porque ele pretende alcançar centros urbanos e culturais como Nova York; e (4) porque o evangelho está no centro do modelo ministerial, ou seja, é a ponte entre as doutrinas e as práticas pastorais. Visão teológica, portanto, tem que ver com posturas e ênfases de uma igreja. De como ela vai se posicionar entre o ministério da Palavra e das obras; entre desafiar e apoiar a cultura; entre a tradição e a inovação e entre o engajamento e o distanciamento cultural. Na prática, a visão teológica de Keller tem três eixos nos quais ele acredita manter o equilíbrio: evangelho, cidade e movimento.

A leitura é instigadora e certamente trará benefícios a todos aqueles que se interessam pelo desafio de apresentar o evangelho de maneira eficaz em um mundo cada vez mais urbano e secularizado. **M**

Uma igreja carismática



Gentileza do autor

Deus deseja uma igreja carismática. A Bíblia assim declara, sem deixar dúvidas. Entretanto, antes que você comece a tirar conclusões precipitadas, permita-me explicar melhor.

Atualmente, a palavra “carismático” costuma ser associada a experiências extáticas ou emocionais que ocorrem durante a adoração individual ou coletiva a Deus. No entanto, ao analisar o Novo Testamento, percebemos que a palavra (ou conceito) para *carismático* tem um significado e sentido completamente diferentes.

A expressão provém do grego *charismata*, cuja raiz é *charis* (graça, favor). Em uma tradução comum, *charismata* significa “dons da graça”. Contudo, num sentido mais amplo, como define o Novo Testamento (especialmente os escritos paulinos), significa “comissionado para o serviço”, quer seja o serviço individual ou coletivo.

É importante destacar que toda a Trindade está interessada no carismatismo de Sua igreja. Os dons espirituais originam-se no Pai e no Filho (Ef 4:8, 11) e são dados a cada pessoa. Na verdade, o Espírito Santo é quem, em última instância, distribui os dons espirituais a cada um como Lhe parece melhor (1Co 12:11).

Assim, podemos dizer que é impossível receber dons espirituais sem ter recebido primeiramente o Espírito Santo. Pedro afirmou que antes de receber o Espírito é preciso se arrepender e ser batizado em nome de Jesus para a remissão dos pecados (At 2:38). Diante do Sinédrio, ele mencionou que o Espírito Santo é dado a todos os que obedecem a Deus (At 5:32). O tema da obediência levanta alguns questionamentos. Por exemplo, é possível para o cristão viver transgredindo a lei de Deus e os ensinamentos de Jesus enquanto pretende ter a presença do Espírito Santo e os dons que Ele nos outorga? O Novo Testamento deixa claro que isso não é possível (1Co 2:13-15; Ef 4:17-30). Portanto, quando transgredimos conscientemente a lei de Deus e violamos

persistentemente os ensinamentos de Jesus, ao mesmo tempo em que alegamos ter os dons espirituais, podemos concluir que esses dons são falsos (1Jo 3:4-9; 4:1-6).

Sem dúvida, o motivo mais importante porque Deus se interessa em ter uma igreja carismática é justamente o propósito subjacente aos *charismata* que as Escrituras enfatizam repetidamente: a consumação da missão confiada à igreja. Essa missão inclui apresentar o evangelho em novas áreas (At 1:8), proclamar a Cristo com ousadia (4:31), realizar sinais e maravilhas para a glória de Deus (2:43; 5:12-16), fortalecer o companheirismo e o espírito de comunidade (2:44-47; 4:32-37), combater o erro com a verdade (6:10) e difundir os benefícios dos diversos dons para a edificação dos santos (Ef 4:12; Rm 1:11; 12:6-8; 1Pe 4:10, 11).

Nesse sentido, é de fundamental importância o programa de reavivamento e reforma que a Igreja Adventista vem promovendo há alguns anos. A presença do Espírito Santo é necessária na vida de cada crente para que os *charismata* possam se manifestar em sua plenitude. “A promessa do Espírito não é apreciada devidamente. Seu cumprimento não é realizado como poderia ser. A ausência do Espírito é que torna tão impotente o ministério evangélico. Pode-se possuir cultura, talento, eloquência ou qualquer dote natural ou adquirido; mas sem a presença do Espírito de Deus não se tocará nenhum coração, nem se ganhará pecador algum para Cristo. De outro lado, se estão ligados com Cristo, e se possuem os dons do Espírito, os mais pobres e ignorantes de Seus discípulos terão um poder que falará aos corações. Deus faz deles condutos para a difusão das mais elevadas influências no universo” (*Parábolas de Jesus*, p. 328).

Se é assim, eu também quero uma igreja carismática. E você? 



A presença do Espírito Santo é necessária na vida de cada crente para que os *charismata* possam se manifestar em sua plenitude.”

Walter Steger

Editor associado da revista Ministério, edição em espanhol



BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS

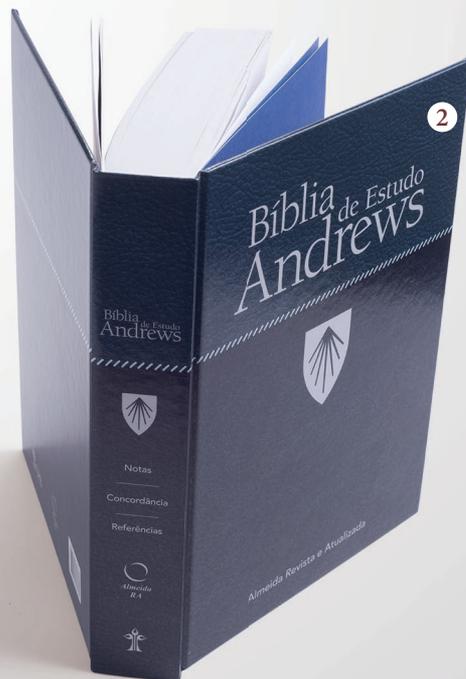
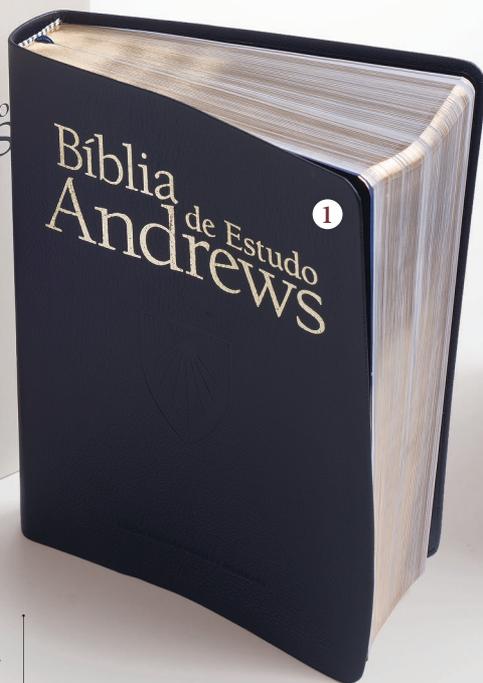
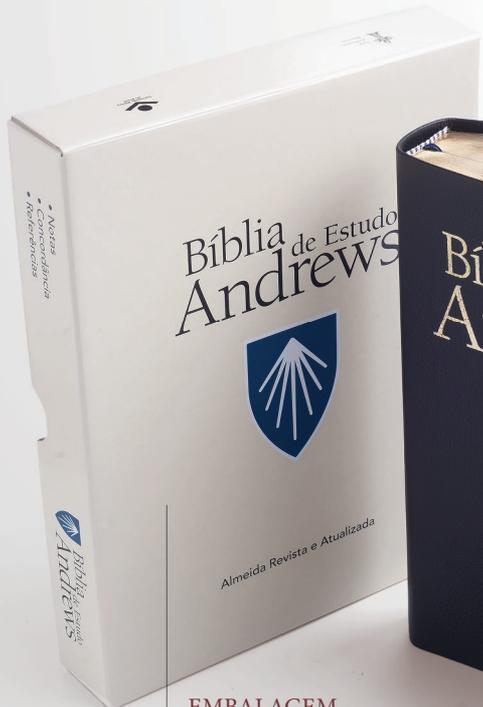
SUPERLANÇAMENTO DA CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

► Formato: 17,0 x 23,5 cm ► Número de páginas: 1860

1 Capa de couro preta 2 Capa dura azul

Versão Almeida Revista e Atualizada – 2ª edição

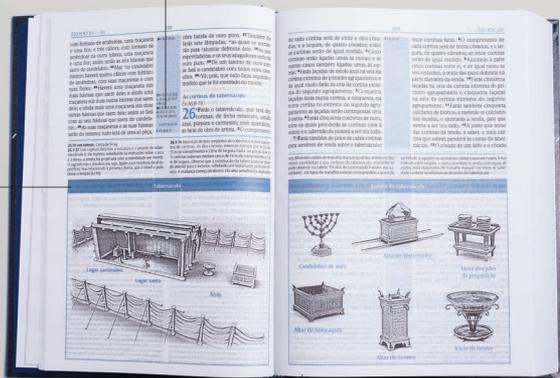
MKT CPB | Willian Moraes



EMBALAGEM
A versão luxo vem acompanhada de uma linda caixa especial.

REFERÊNCIAS
Rico sistema de referências cruzadas.

A BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS FOI DESENVOLVIDA PARA APRESENTAR A PALAVRA DE DEUS DE MANEIRA PRÁTICA, SISTEMÁTICA E PROFUNDA.



NOTAS
Mais de 12 mil notas de estudos produzidas por teólogos qualificados.

TABELAS E ILUSTRAÇÕES
Tabelas e ilustrações no corpo do texto e muito mais.

MAIS INFORMAÇÕES

Índice temático com sugestões para estudos bíblicos. Concordância bíblica abrangente em ordem alfabética. Introdução aos livros contendo informações como: autor, data, local de escrita, temas principais, mensagem, teologia, etc. Quinze mapas originais e coloridos.



0800-9790606 | cpb.com.br | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora